



# ÁGUAS PASSADAS

MOVEM MOINHOS

DANIEL 02



**Título:** ÁGUAS PASSADAS MOVEM MOINHOS

**Autor:** DANIEL O2

**Registro FBN:** 350079, em 12/08/2005.

**Gênero:** Romance

Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução do todo ou de parte em qualquer formato.

*Capa:* Bravura Indômita 2011

*Projeto gráfico:* Daniel O2

Prelúdio de Abertura.

Em Tempo de Paz

Você ainda tem cartuchos? Apenas quatro! Só isso?! Estamos fritos. TRUTRUTRU! TRUTRUTRU! TRUTRUTRU! ABAIXE! CUIDADO! Os cornos estão em cima daquele terceiro barraco. Vou acertá-los, TUTUTU! TUTUTU! TUTUTU! BRANCO!!!!!! Faz cobertura para eu posicionar melhor. TRATRATRA!

TRATRATRA! TRATRATRA! TUMMM! QUE PProfissão hein LC?, Agora deixe de chorar... Escolher este morro para policiar *é o quiá*, Você já chamou reforços?, Sem essa, Mas é uma emboscada, Você não bota fé no seu taco?, Sei lá..., Estou indo... Me cobre. Se esse for nosso último encontro tenho certeza que nós nos veremos lá no paraíso, cada um com oito mulheres, Ali que será vida, É. TRUTRUTRU! TRUTRUTRU! TRUTRUTRU! SEGURA A ONDa aí Branco, MERDA! TRATRATRA! TRATRATRA! TRATRATRA! TUMMM! Acertei um, ainda bem... putz era mulher... que desperdício, Acabou!? Claro, leia: GAME OVER!? É uma simulação legal, Infelizmente esta tela é lenta para ambientação gráfica em 3D, Também o joystick parece quebrado, Anote todas estas observações no relatório final do jogo, Qual foi à duração do game?, Duas horas e quarenta minutos, Passou rápido hein?

## Capítulo 1 – Presos?!

*Que lugar é este? Onde estou?! Merda... Ah! Ainda bem que tenho companhia, ali eles...* Jane! Jane! B! Vocês estão bem?

Acho que sim, pelo menos não sinto dores no corpo... E você B.?

Aparentemente estou inteiro, aparentemente, pode ser que falte um rim..., Engraçadinho!... Nossa! Este lugar é lindo... Deem uma olhadinha ao nosso redor, nesta abundância de verde.

Pelo jeito, é uma mata selvagem e ao mesmo tempo exuberante...

Deve ser o paraíso dos corintianos...

B., VAI VOCÊ O SEU CORINTHIANS TOMAR NO CCCC. !

Hei C., calminha, está bravinho hein?!

Claro que estou seu idiota! *Como um desesperado, C. começou a caminhar freneticamente, em círculos, com ambas as mãos sobre a cabeça... De tempo em tempo parava estes cíclicos movimentos e gritava loucamente: "SOCORRO", "OLÁ PESSOAL" na ânsia de encontrar naquelas bandas algum nativo, em vão, ninguém respondia as suas indagações.*

*Jane "aparentemente" calma pensava alto e com lucidez.*

Senhores é possível pararem com bichesas? Desconhecemos aonde estamos como chegamos e pelo pouco que observei esta área, também desconheço o caminho de volta. E vocês, aí, com essa frescura toda. Escutem só! Estamos quase na beira do mar, no meio de uma floresta, e, estávamos dentro do laboratório há alguns segundos... No interior do estado a mais ou menos quinhentos quilômetros do litoral, como fomos transportados? E o mais engraçado, o meu relógio parou.

Meu também!

Eu não utilizo relógio, mas o celular travou. Ah! Olhem aqui no bolso do avental... O bloco de anotações

Travou como C.?

Ai ô. Fica somente na tela inicial, as horas travaram em noveedez...

Tudo muito engraçado meninos... O quê vocês faziam no momento da translação? Quais ensaios? Eu por exemplo transportava os equipamentos do ensaio destrutivo de materiais: dois foguetes terra ar, mais as munições. Quero aproveitar esta ocasião e lembrá-los que: de-tes-to efetuar esta atividade, hein B?! Pedi ajuda para transportar aquele peso todo... Você sabe muito bem que tenho dificuldades, o maldito do carrinho de transporte esta danificado há muito tempo, o pessoal de manutenção sempre arrumando desculpas para não consertá-lo, e, o bonitinho nem *tium*. A surpresa é que, os equipamentos estão aqui ô. Olhem!

OS EQUIPAMENTOS VIERAM?! COMO?! Piramos... Isto é irreal...

Jane, por favor, deixe de brincadeiras...

São verdadeiros... Escutem o barulho dos metais. *Bruscamente um ar de desolação repousou sobre os dois, C. continha as lágrimas nos olhos, mas B. manteve o sarcasmo.*

Jane! Queridinha, fique tranquila, aqui no meio desta mata você não utilizara mais o Ferrari... E muito menos estes equipamentos...

Que Ferrari B?!

Uai! O carrinho de carregar os equipamentos...

B. aqui ô! *Neste instante a Jane retrai todos os dedos da mão esquerda exceto um que fica ereto, o pai de todos, dizendo : vai tomar no c.!*

Ficou nervosa?

Gente, sem brigas...

C. você tem razão.

Retomando o nosso assunto, no momento da translação eu entrava no laboratório e ia ajudar você, Jane, a carregar os equipamentos...

Mas... e você B ? O que fazia?

Eu? Bom eu estava... *a repentina mudança de sua fisionomia o denunciou: alguma merda havia cometido* bom, já que estamos perdidos, na lama, quero contar-lhes um segredo: Sempre tive interesse em estudar a teoria da relatividade ...

FILHO DA P.!

DEIXE EU ACABAR sr. C.!

Se você continuar com este stress todo eu paro de contar...

VAI B. continue...

Então; hoje eu testava o acelerador de partículas que construí...

Você construiu?! Sei...

É... Eu construí. o propulsor é cópia evidentemente, mas eu construí. Aplicando carga, BUMM, apaguei... Dei conta de mim, aqui. Olhem isto; justifica? Impossível andar acima da velocidade da luz e além do mais somente em filmes isto acontece...

Realmente B. não justifica, teríamos que viajar acima da velocidade da luz nos três juntos, isto reza a teoria, diferente do acontecido...

Este também é o meu pensamento, para surpresa minha o GPS que estava na bolsa da calça no momento da, da... Da mudança de estado, fusão, explosão... Dá sei lá o que, olhem aqui, funciona perfeitamente...

Calminha B! O quê você fazia com um GPS dentro do laboratório? Pelo jeito você planejou tudo minuciosamente, nos mínimos detalhes... Hein B.?

Não é da sua conta madame! Será possível?! Prestar contas da minha vida a uma mocinha? Vá à merda!

B. pega leve... Relaxe fofo. Sem perguntas sobre a origem do GPS, mas B., preste atenção, tudo bem que não justifica... Há relação de suas atividades com nossa estada aqui, a Jane também pensa assim... Porém da próxima vez, se é que teremos a próxima vez. É IMPORTANTE O SR COMPARTILHAR CONOSCO SUAS IDÉIAS, EXPERIÊNCIAS... ENTENDEU! Ninguém roubará suas ideias, mesmo porque você tem cada ideia... *Nervoso, C. voltou a caminhar em círculos, de repente parou, algo o assombrava* Um momento! Quem garante se voltamos, ou progredimos no tempo? Ninguém!

Então estamos no paraíso eterno. O que acham? *Indagou B.com muita convicção.*

Há sim?! Paraíso eterno eu, Jane e você?! Com você seria sim o Inferno... Porém, o Inferno pode estar mascarado com esta linda paisagem ou são pedro estará maluco...

Eu realmente desconheço qual é a de vocês... Estão preocupados com o quê? Diz o ditado: *Quando o estrupo é inevitável relaxe e goze.* Vamos aproveitar este paraísoooooooooo *ao pronunciar esta palavra B. abre os*

*braços olhando para o firmamento com um sarcástico sorriso estampado na face.*

Hei B. você esta com cada expressão, hein? Respeita-me rapaz. E além do mais, Eu não nasci aqui, não viverei aqui e sairei daqui a qualquer custo!  
ENTENDEU B.?

Do jeito que você quiser madame.

Jane! B.! Quero perguntar-lhes, como chegamos aqui?

Hei C. foi esta a pergunta que fiz e vocês nem deram bola...

É que você começou a comentar do relógio...

C. esta é uma boa pergunta... Vocês ao menos pensam?! Isso é irreal... É um sonho!

Sonho? Está maluco B.!? Olha, em partes você tem razão, observando ao nosso redor essa beleza toda, a impressão que temos é a interferência da perfeita mão cinematográfica moldando estas bandas... Um filme. Concluimos que: Não sabemos como chegamos aqui!

Portanto sem conjeturas vãs... é preciso agir, porque as horas voam.

Que horas C.? Qual a importância do tempo aqui? Que horas você irá embora? Que horas você comerá? Que horas dormirá?

Jane, você tem razão... Comerei quando tiver fome e dormirei quando o sol reclinar... Pensando bem, é até bom...

É ruim sim! Quando verei os jogos do coringão ? hein?

Eu tô lá preocupado com o coringão?

Deveria!

Pessoal! Só um probleminha ... e as nossas famílias? É melhor nem pensarmos... *Jane estava inconformada*

É Jane, por aqui nós não seremos escravos do relógio... Os nossos familiares ainda são! Merda! *com o rosto desfigurado e banhado por lágrimas C. é só lamentação.*

Relaxem vamos aproveitar o máximo nossa estada faz mais de três anos que saíamos de férias... Precisamos descansar!

B. para você tudo é fácil, só curtidão ...

Não! Não é não. É a maneira que vejo o mundo... Além do mais tenho bons olhos, entenderam?



CHEGA! Precisamos conhecer esta região...

É mesmo, minha barriga ronca sem parar, avisa "*nível baixo no reservatório*".

O bonitinho só pensa no coringão e em encher a barriga... você esta tão afoito, que tal dar uma voltinha para reconhecer a área?

Tá bom. Eu irei; fiquem ai. E juízo na minha ausência...

Seu babaca!

Vai, Vai, vai logo B.

Jane, e agora?

Estou pasmo e ao mesmo tempo puto. Hoje era o dia 01 de abril de 2004. Era, porque nesta situação toda, qual referencial para afirmar com exatidão a verdadeira data de hoje. Sinto em meu corpo reações estranhas... Pequenos abalos que beiram ao infinitesimal, e às vezes tenho a sensação de repouso absoluto, reais? Não sei, mas são perfeitamente captadas pelos sentidos humanos. A sensibilidade cerebral, sinapse permite a comparação destes abalos com eventos armazenados ao longo da minha vida. Assim ao compilar estas informações o cérebro produz resultados, capazes de prever um evento classificando de indesejado! A consequência disto é a descarga de desagradáveis sensações no corpo e ao conjunto destas desagradáveis sensações, convencionou-se chamar de medo. Parece muito filosófico, é o que sinto. Medo! Porém a beleza deste paraíso inibe uma pequena parcela deste medo, contribuindo para o surgimento de sonhos... Que se traduzem em forças e inspirações para sairmos deste lugar, ou melhor, safarmos desta maluca história. O ambiente aqui é tão perfeito, intacto e a pureza destas florestas nos mostra que o homem ainda não percorreu os seus meandros. Por isso afirmo com segurança: voltamos no tempo. Nunca exporia esse pensamento para o B. e Jane. Primeiro B. acredita que estamos no paraíso e a Jane... Sem opinião formada. Tenho a impressão, estou sensivelmente maluco. Como pode três pessoas perfeitamente normais, pesquisadores de uma hora para outra voltarem no tempo?!

Toda explicação para esta incógnita recai sobre o B., devido sua paixão pela Teoria da relatividade... Cada louco com sua mania. O B. é um dos pesquisadores mais respeitado de nossa área: desenvolvimento de novos materiais. Possui uns quarenta anos e é meio maluco, mas uma boa pessoa. A própria natureza com a anatomia de seu corpo – gordo, baixinho, careca, branco, com a cara vermelha que nem pimentão, pequenas orelhas que permite florescer do seu interior fiapos de pelos e de quebra óculos fundo de garrafa – proporcionou a ele este ar de maluco. Mas, boa pessoa. Divorciado. Um bom camarada. Contra o B. temos como acusação apenas sua paixão pela teoria da relatividade... Ele é convicto: estamos no paraíso. Tal afirmação deriva do fato de B. ter sofrido muito em “vida”. Seu pai foi morto numa briga de boteco em sua frente e ele com apenas sete anos de idade, depois de casado ele flagrou sua ex-mulher transando com a irmã dele, portanto, a única coisa que o deixava feliz em “vida” era o coringão... A Jane é a outra pesquisadora de nossa equipe. Possui mais ou menos vinte e cinco anos. É complicado, querer datar as pessoas, mesmo porque, tomo minha idade como base e eu me julgo jovem... Portanto fico sem referências, ela no máximo beira os vinte e cinco, esta muito conservada. Terminou a faculdade com vinte e três, os dois anos de mestrado, vinte e cinco. Uma mulher muito bonita. Cabelos curtos, porém volumosos, ela sempre utiliza um pano (em forma de tiara) vermelho, na testa sob os cabelos e que combinam perfeitamente com o batonzinho vermelho que recobre os seus carnudos lábios, mas um vermelho delicado, realçando com a brancura da pele. Engraçado, a pele não é de um branco leite, exasperado, mas sim um branco delicado... Gostoso. Como os cabelos são curtos, pele cristalina, o pescoço sempre esta a florando e é circundado por um colar de ouro delicado. Presente de um admirador. Um corpo bem feito, perfeitamente dentro dos padrões nacionais de beleza, ou seja, Jane é gostosa (espero que ela nunca leia estas anotações). O braço esquerdo de Jane é incompleto. Ela não possui o antebraço e a mão. Acidente de infância, sem subtrair sua beleza, gostosura e simpatia pelo contrário, ao observá-la é evidente que a falta destes membros deixa o conjunto todo mais belo. Uma deusa. Bom esta é nossa equipe, bastante homogêneo,

certo? Perdidos no tempo e no espaço. A tranquilidade de Jane é tamanha... Que neste instante ela dorme serenamente sentada no chão com as costas apoiada numa árvore. Aproveitei a ausência do B. (foi reconhecer a área) para fazer estas anotações... Contagiado por esta sensação "nostálgica", medo, que percorre por todo meu ser sou impelido a escrever. Talvez este processo de escrita seja uma fuga, uma forma de liberdade de libertação, sendo possível, eu transpor todas as barreiras do tempo e espaço. Como também driblar o meu eu interior. Não sei ao certo. Nestas circunstâncias a primeira coisa que me preocupa é a sobrevivência... Possuímos a vantagem do B. conhecer sobre botânica... A minha preocupação é: conhecer é diferente de dominar. Considerando que venceremos a FOME, iniciaremos a batalha do retorno... O problema é desconhecer o caminho de volta... Pera aí (foi mal esta expressão) um momento: B. comentou sobre o funcionamento do seu GPS... Esta foi manhã e início da tarde do dia primeiro.

C.

OLHEM O ALMOÇO... O ALMOÇO CHEGOU...

O B. seu escandaloso, deixe-me dormir em paz!

Então a madame esta sem fome?! Horas... E outra você deveria é agradecer o almoço, entendeu?

Tá bom, B. tá bom...

B. o quê trouxeste? Pelo jeito são frutas e legumes... Sou vegetariano; ainda bem...

C.! Você esta mais para boiola do que vegetariano...

Nada interessa a você B. minha aptidão sexual, eu quero saber o que trouxera para o almoço...

Meninos! Serviremos o almoço... Olhem!, O sol se esconde, é o jantar... Pelo jeito aqui os dias possuem bem menos de vinte e quatro horas, o tempo voa...

Vamos almoçar logo, precisamos criar fogo, para proteção nossa durante a noite.

Eu trouxe o que encontrei pelo caminho... Mandioca e algumas frutas comestíveis...

Mandioca?

É Jane! A madame nunca comeu mandioca?

Já, queridinho, mas cozida...

Hei B. até que esta fruta aqui é gostosinha... Dê mais uma, ah! B outra coisa, deixe-me ver o seu GPS?

Claro esta ali, ao lado do travesseiro da Jane.

Travesseiro da Jane?!

Sim esta árvore ai...

Hããã achei. Mas B. ele também travou em uma tela, igual ao meu celular, olhem aqui... Só um momento. Marca apenas uma localização ... Qual será?

Tenho saudades das aulas de geografia...

Hei C. aposto que você cabulava as aulas só para paquerar as meninas do colégio.

Eu nunca fiz isso faria se estudássemos no mesmo colégio...

Vocês dois tomem juízo, tenho idade suficiente para ser pai de vocês.

Hei B. é apenas para descontraír.

Jane. C.! Esta localização que travou o GPS, é o estado da bahia. Precisamente o sul da Bahia, divisa com o espírito santo, talvez o espírito santo

O quê?!

**BAHIA! ESPIRITO SANTO?! VOCÊ ESTÁ LOUCO!**

Sim Bahia, qual o problema, hein? De certo o paraíso não pode ser na Bahia...

Não B., nada disso... É que estamos muito longe de casa.

Quem quer voltar pra casa, você Jane?

Não sei B. parece que estou maluca...

Como Jane?

Uai! Estou seguindo o conselho do B.: "estou curtindo!"

Beleza, já terminaram a refeição? Estava gostoso?

Razoável...

Como você é enjoada... Hein madame.

B. deixe de ser ranzinza com a Jane...

Desculpe C., esqueci que também dói em você.

BONITÃO.

Obrigado C.

Meninos deixem de cortesias, à noite esta próxima e ainda não criamos o fogo...

Criar o fogo. Esta foi de doer, além do mais uma pesquisadora dizer tal coisa...

*"na natureza nada se cria tudo se transforma"*

Obrigado professor !

As suas ordens; *madame*.

Jane! Com os equipamentos é complicado criarmos uma ignição?

Mas C., o divertido é utilizarmos o jeito primitivo... Sabe?

Vi somente em filmes...

Jane o C. nunca foi escoteiro e pelo jeito também nunca acampou.

Hei B. se o sol estivesse a pino, nós poderíamos utilizar seus óculos e através das lentes fazer a ignição, como as crianças brincam... Ou talvez utilizarmos a sua maldita língua, onde bate: fogo na certa.

Hei C. seu mané agora você chutou o pau da barraca...

Brincadeira B.

Meninos! Mãos à obra, aqui estão os gravetos secos... vamos sem moleza!

Cacete, parece difícil...

Vamos C. deixe de moleza.

Minhas mãos queimam, pior, nem sinal de fogo nestes gravetos.

Aí Jane, se deixasse somente pra ele conseguiria?

O C.? É claro...

Pegou! Eba...

Bom, agora isolaremos o fogo para não alastrar à mata...

Imaginem a polícia, se pegar fogo nesta mata, seríamos preso rapidamente...

Talvez seja uma maneira inteligente dos humanos nos encontrarem.

Você colocará fogo em toda a mata e ninguém aparecerá, ninguém, talvez os *óvnis* viessem nos socorrer...

Amanhã construiremos uma cabana...

Cabana!? Pra que cabana?

E quando chover? hein B.

Desconhecia a necessidade de construir cabana e "fazer" fogo no paraíso...

Tudo mudou... Até o paraíso. Engraçado... Sempre me diziam: seja bom porque assim construirá uma mansão lá no paraíso. Mas até agora nada...

Ainda terei que construir cabanas... É o fim!

Calminha B., cabanas são mais confortáveis que mansões e além do mais a cabana será obra de suas mãos, olha que gratificante. Não é Jane!

Claro.

Quantas armas possuímos Jane?

Armas?!

É! Por aqui são armas, no laboratório: equipamentos. É a mesma história do tubarão. Igualzinha. Conhecem? Simples, comendo ele é cação. Ele comendo nós é tubarão...

Chega de papo B., vamos dormir.

B. sobre a quantidade de "armas", possuímos duas.

Uma ficará ao meu lado e a outra com o C. aparecendo alguém ... Bumba hein C. ...

Cara imagine atirar em alguém com isto. Imaginem o estrago ... terei coragem ...?

A é C.! Você deixará alguém me atacar e nada!?

Aí também não Jane. Isso é outra história...

Vamos dormir...

B. pegue o seu canivete "multi função" e de uma limpada aqui para dormirmos...

O quê? Eu ouvi bem... canivete multi função?! Como este canivete apareceu?

Madame, você nunca observou a bainha que carrego no meu cinto... é nela que estava meu canivete no momento da translação, entendeu?

Tá bom, B.! Meninos, vamos rezar?

Rezar? pra quê? Estamos no paraíso madame. Já sei, a madame esta com medo!

É claro que estou...

C. durma do lado dela... Mas olhe aqui, juízo! Sou o responsável por vocês... Boa noite.

Putz! Olhe ali ao lado, C. Que escuridão, hein?

Jane, é melhor você relaxar e descansar...

É o que tento fazer, impossível, penso coisas...

Deite aqui no meu ombro.

Você está louco?

Qual é o problema Jane?

Sei lá, tenho vergonha do B.

Fale baixo, menina... Experimente, somente um pouco... Vai.

Muito diferente do meu travesseiro, apenas quebra-o-galho.

*Em pouco tempo os três adormeceram.*

*Com os primeiros raios de sol anunciando um novo dia, banhando as copas das árvores de róseas e a cantiga dos pássaros dando um contorno especial ao ambiente... Nossos heróis acordaram.*

Jane! acorde! querida, você esta bem? Sonhou com os anjinhos?

Sonhei com minha cama... Estou toda quebrada. E morrendo de sede. Tem água por aí?

Ontem encontrei um riacho aqui pertinho...

Quem irá comigo?

Hei Jane, passear por aqui sozinha, sem crise...

Tenho medo!

Depois pensaremos neste assunto.

Estou morrendo de sede!

Jane. Sede, frio e fome são irreais, são psicológicos...

Isto acontece somente com você... Ouviu C.? Vocês homens são "fortes" imbatíveis e aposto que também morrem de sede.

Agente Jane. E você B., dormiu bem?

Você é muito engraçadinho, hein C.? Depois que passei dos quarentas meu caro, à coisa complica... Estou travado. Precisamos fazer algumas redes com folhas de palmeiras.

É possível, B?

Nunca fiz, tentarei. Estes cipós serão utilizados como base e as folhas serão amarradas a partir deles.

Hei B! Teoricamente tudo é possível... Inclusive a teoria da relatividade.

Madame! O que farei é: *melhorar o seu bem estar*, entendeu?

B. estamos no paraíso! *Quando Jane fez esta pergunta, o rosto de B. ficou rubro, transparecendo sua irritação.*

Madame! Vai à merda você...

Um momento. Um momento por favor. Antes de brigarem, apaguem a fogueira... *B. estava tão furioso que, aplicando apenas três pernadas sobre a fogueira, apagou todo o fogo.*

B. sobrou alguma fruta de ontem...

Não! *B. ainda estava muito irritado.*



Jane. Hoje é seu dia, pode sair para reconhecer a área e trazer alimentos... e beber água, você tinha sede...

Vocês estão de gozação comigo, como irei colher frutas? Hein C.? Além do mais minha roupa esta toda amassada...

Madame! Tire este avental... Você não esta no laboratório, e outra coisa.

Quem por estas bandas observará suas roupas?

Cale a boca B., detesto utilizar roupas amassadas.

Tudo bem madame... Do jeito que você mandar. C.! Você deverá acompanhar - lá.

Vamos Jane! B. fique tranquilo não demoraremos...

Até meninos!

C. qual direção tomaremos...

Siga em direção ao mar.

Tem um barranco logo ai na frente.

Como você sabe?

Ontem pesquisei a área, e outra coisa numa praia destas, deserta, pegarei um bronzeado tudo bem pensado rsrs.

Mas, Jane, e o biquíni?

Eu preciso de biquíni C? Nunca ouviu a respeito das praias de nudismo?

Jane. Você nos mataria de enfarte.

Tá bom que vocês me veriam... Um momento. Raça ruim não morre assim tão fácil.

Cuidado Jane! Olhe o barranco... Por aqui ô, me dê sua mão, isto, agora pule... isso garota.

Ainda bem que o barranco é baixo.

Jane! Esta praia deserta transmite uma sensação de grandeza, liberdade... parece que adquiro novas energias.

É, este lugar é lindo! Porém esta beleza toda evoca uma atmosfera sinistra...

C. é exatamente o que penso. A grandeza apalpável do firmamento, associado com o vazio, produzem esta sensação.

Jane! Caminharemos até aquele braço do mar...

C. estou com fome, minha barriga ronca sem parar. Sem contar a sede.

No entorno da praia com certeza encontraremos frutas... Olhe ali um riacho de água doce...

Mas C. sinto além da sede falta de algo salgado.

Talvez encontrem algum "Mc' da vida" perdido por aí... E comeremos batatas fritas até sair pelo nariz.

Se fosse tão fácil assim... Mesmo porque, tem Mcdonald em todos os cantos deste país.

Jane. Deste país não, do mundo... Existe Mcdonald em quase todos os países, mas atualmente eles andam *mal das pernas*, alguns estudos provaram que os lanches deles são maléficos à saúde.

C. nada proveito destes estudos para minha fome. Entendeu?

Entendi, onde nós estamos?

C. eu desconheço. Posso afirmar que aqui é um país tropical.

Mas Jane, quantos países tropicais têm no globo?

Também não sei. Talvez aqui seja um país do continente americano... Ou africano... Não importa desde que eu encontre alguma coisa salgada...

Jane. Estamos apenas pagando os nossos pecados.

C. este ponto é intrigante. Não estamos no paraíso!? Como pagamos pecados? E aqui sendo o paraíso porque sinto falta de sal?

Como dizia os alquimistas: "*tudo é mistério*"

Mistério, isto eu sei. Agora quem se ferra sou eu. C. tudo muito engraçado... Estou desesperada. *Assim, Jane, protege o rosto com a mão, do choro que abunda a face ou de ações externas. Impossível descobrir qual foi sua verdadeira intenção.*

Jane! Pare. Precisamos encontrar o caminho de volta, sem choro...

Eu sei C. Eu sei, é difícil...

Olhe! Nós poderíamos construir nossa cabana neste platô. Ficaremos numa posição estratégica, será possível observarmos as duas baías e nunca seremos atacados pela costa, devido a este rochedo que funcionará como nossa defesa natural.

C. qual é a finalidade de preocupar-se com segurança? Seremos atacados? Você esta pressentindo algo?

Jane, minha querida. Não possuímos noção de tempo e espaço reais então temos que procurar proteção de alguma maneira. Mesmo situações naturais, chuva, animais , maré alta ... aqui olhe, com estas pedras faremos um mirante... ali faremos um dique para extrairmos sal da água do mar, pode-se utilizar este tipo de sal?

Claro que pode C.

Agora observe ali, como aquela árvore esta carregada de frutos.

Onde C.?

Lá ó ...

Parece manga.

Vamos. Este sol fritou meu corpo...

É melhor você ficar sem camisa C.

Depois tirarei...Precisamos o quanto antes voltarmos, para que o B. nos auxilie no transporte dos equipamentos e montaremos a cabana antes de escurecer... ali no platô de pedras.

Mas C. o sol ainda não atingiu o meio do céu...

É difícil construir cabanas...

Sem o auxílio de um profissional competente, serei a arquiteta...

Putz, mais essa...

Uai! não gostou C.? Horas, as mulheres são mais sensíveis traduzindo melhor seus sentimentos em algo apalpável?

Claro que sei... são muito sensíveis, sensíveis ... sim muito sensíveis

Seu safado!

Ei, Jane é apenas uma brincadeira.

Você é safado.

São aquelas frutas que o B. Levou ontem...

Quando estamos com fome tudo é válido, comemos até pedra.

Vamos levar um pouco para o B. destas frutas, Jane?

Claro C. , ele esta com muita fome. Mas como levaremos?

Farei uma sacola com uma camisa... empresta a sua Jane?

Já falei: você esta muito safado!

Você acha mesmo?

Claro!

Jane. Pense bem. Eu, Homem como todos os outros, certo? Perdido num lugar deserto com uma linda mulher, certo? Você acha que eu deixaria a minha espécie entrar em extinção?

C. não venha com esta história... como dizia darwin, *o homem se adapta perfeitamente em qualquer ambiente adverso*. Pode-se afirmar: em ambientes sem mulheres...

Jane o Homem de darwin, é diferente do C. ... tá bom. Não quer emprestar a camisa tudo bem, a nossa amizade será a mesma. Utilizarei a minha camisa.

É! Assim você pegara um bronzeado...

Grande coisa! *Abruptamente a face de C. é banhada por lágrimas* Quero ir embora, merda! Estou todo assado, com o corpo todo dolorido ...

Impossível dormir bem ... até quando? até quando? *Jane abraça C. tentando consola-lo*

C. estamos no mesmo barco, tudo dará certo, acredite!

*"Depois do silêncio constrangedor"*.

Espero... me ajude a dar um nó neste "embrulho". *C. revigorado começa a encher a blusa (embrulho) com as frutas*

Sabe Jane, precisamos preencher o tempo com alguma atividade, para mascararmos nossa maluca realidade. Senão ficaremos pirados.

Então C., iremos começar a construção do nosso Q.G. imediatamente.

É melhor arrastar o embrulho, não acha? Está pesado?

Um pouco, mas cansando darei uma pausa... *olhando os dois a caminhar, horrível, arrastavam o embrulho e os pés, semelhante aos forasteiros.*

*Assim nossos heróis, neste triste estado, iniciaram o caminho de volta.*

C. estas areias são grossas!

Pior, entraram no meu sapato, detonando minha meia... logo, logo meu pé estará em carne viva.

C. você esta muito manhoso... você não era assim.

Mulheres.Mulheres. Mulheres. Mudam somente de nome e endereço, entretanto são todos idênticas...

Vocês, homens, morrem sem elas...

Ainda bem.

Jane, olhe o riacho de agua doce.. ali na frente ô. *Com o dedo indicador, C. sinaliza em direção ao riacho que serenamente e majestosamente se entrelaça com as águas do oceano.* Não beba a jusante... caminhe contra a correnteza e então beba a água.

Nossa! Esta geladinha, uma delícia...

Uma delícia ou você esta com tanta sede que tudo é ótimo?

Deixe de frescura e venha beber esta água...

Ainda bem que o Q.G. ficará aqui pertinho...

Não precisaremos nem de geladeira...

Porquê Jane?

Água gelada a toda hora, sem pagar nada.

Pois é. Será necessário criar alguma coisa para armazenar e transportar água. Tenho saudades daqueles galões de vinte litros com água mineral lá do laboratório. Lembra?

Há, sei! Claro que sei. Esvaziando, ninguém se habilitava em troca-lo, aí a trouxona aqui implorava para os dondocas... "*troquem o galão*"

Jane não invente...

É verdade e ponto final.

Matou a sede? Então vamos.

Aii

O que foi Jane?

O meu sapato .

O que tem o seu sapato?

Ficou atolado na areia, não consigo pega-lo...

Cuidado com a onda ...

Cadê ele?

Ele quem? O seu sapato ou o tubarão...

Que tubarão, o meu sapato... ops! Tem tubarão aqui!?

Esquece. Ali, corre Jane ...

Ao invés de gritar, venha me ajudar...

A onda levou... vou até lá...

Nada disso, é muito perigoso. Merda! estou ferrada, caminhar descalça nesta areia grossa era o que faltava. Pagarei todos os meus pecados. Os

*pés de Jane, ao observa-los parecia que possuíam muito mais que cinco dedos tal era a delicadesa.*

Jane; Utilize os meus sapatos...

Mas C. , olhe o tamanho dos seus pés ... parece *pés-de-pato*.

Isso que dá querer ajudar os outros.

Sem stress C.

Jane. Iremos devagar e mais tarde resolveremos o seu problema. *Depois de caminharem por infindáveis minutos, eles, avistam uma sinalização...*

Olhe lá o meu avental!

Onde?

Sobre aquele barranco...

O B. com certeza utilizou como sinalizador...

Justo o meu avental?

É para orientação nossa. Olhe como ficou fácil localizar o B.

Putz! Ainda temos que vencer aquele maldito barranco...

Mas é fácil Jane. Primeiro subirei, levando o embrulho. Depois puxarei você pelo braço, OK!

OK!

Este ventinho é ótimo, dá uma sensação de frescor...

C. muito cuidado para transpor o barranco. Isto, primeiro você, agora o embrulho... segure os sapatos.

Pode joga-lós.

Jane, dê-me sua mão, isto, venha devagar... agora... beleza! Viu como fica fácil?

É! Mas acredito que ficará melhor se construirmos uma escada aqui.

Não será necessário, esqueceu que mudaremos de endereço? Lá no platô de pedra o acesso é mais fácil...

É verdade. Mas C., cadê o B. ? *Beeeeeeeeeeeeee! A mão contornando a boca, com o intuito de ampliar o volume de som, a Jane gritava para o B.*

Calma pessoal! Eu estou aqui, sim! Passo um *fax* muito importante... *As palavras foram pronunciadas por B. transmitindo aquela sensação de sátira. Jane virou para o C. procurando alguma explicação e escutou no pé-do-ouvido: o B. está "caguando".*

B., terminando de passar o fax, aqui na "mesa" esta o almoço. Coma, porque teremos muitas atividades hoje... nós encontramos um lugar ideal para a construção da nossa cabana. Portanto, eu e Jane, transportaremos os equipamentos... é perto daqui, para nos encontrarmos basta seguir nossas pisadas deixadas na areia... é até melhor, veja, quando você descer o barranco siga as direitas.

Tá bom! Tá bom! Tá bom! Me deixem passar este fax em paz.

Fique a vontade B....

C. utilize estes cipós para descer os equipamentos no barranco... com certeza o B. fazia sua rede com eles.

Boa idéia, princesa.

Princesa?

Não gostou?

Gostei! Mas pela circunstância acho exagero.

Você é muito exigente! Sempre um comentário, nada passa em branco sem o seu consentimento.

Ista é uma das qualidades que possuo Sr. C..

Pronto! Falta alguma coisa?

O embrulho?

Não, o B. comerá as frutas e depois levará para o Q.G. a camisa...

Merda. Descer novamente este barranco.

Desde que cheguei aqui, Jane, procuro por algum santo ... em vão, certamente tiraram férias. Jane dê-me sua mão... agora vai descendo devagar, cuidado. Isso. Afaste um pouco que agora descerei os equipamentos, estes cipós são confiáveis? podem romper.

Aqui nesta posição, rompendo os cipós, será impossível atingir-me. Tenha cuidado C. desça devagar!

Pronto, conseguimos.

Tomara que seja a ultima viagem...

Lá vamos nós ... *"caminhando e cantando a antiga lição, de morrer pela pátria e viver sem razão"* num acaba naum mundaum, com uma princesa numa praia deserta...

Deserta?! seu safado, e o B!?

Esqueça o B.

Como esquecer o B.? ele deverá surgir por aí a qualquer instante...

*Caminham, mas, abruptamente um silêncio abate sobre ambos...*

No que pensas C. ?

Como farei a cobertura da cabana?

Deixe comigo... eu sou a arquiteta.

Mas Jane...

Escutou o que disse? Tenho tudo definido na cabeça... Os meus pés estão doendo...

Força, falta pouco para atingirmos a ponta da baía.

Olhe lá C. *Jane parada, aponta uma figura que vem logo atrás , caminhando desajeitadamente...* quem será?

É preciso falar? Figura impar.

O B. com esta "*nova vida*" perderá uns bons quilos ...

Pronto, aqui estamos ... agora é com você arquiteta.

Traga os galhos daquela árvore onde colhemos frutos...

Quantos?

Não! Espere, primeiro construiremos as paredes com pedras definidos os vãos e na sequência quantificaremos a real necessidade da cobertura.



*Nossos heróis constroem uma pequena fortaleza, seria imperceptível aos olhos de um navegador desavisado, ora por sua perfeita miscigenação com as pedras naturais do platô e também sua pequenez. Pequena, porém exalando a sensação de robusta. Levaram o restinho da manhã e toda tarde para levantar as paredes e concluir a cobertura, é evidente que faltou alguns detalhes proposto pela arquiteta, como estavam exaustos C. e B. postergaram as atividades para o dia seguinte... Fisicamente moídos, nossos heróis, não se preocuparam com o jantar comeram apenas a sobra do almoço... Acenderam o fogo e logo que o sol reclinou por detrás das montanhas da costa, eles, foram abatidos pelo profundo sono com seus negros olhos. No outro dia ao surgirem no horizonte os primeiros raios de sol, o céu até então límpido, foi tingido por um grito metálico e aflito de Jane...*

Nada como um dia após o outro... Para os ricos e famosos: festa hoje, festa ontem e festa amanhã. A fama deles cai proporcional à queda dos peitos, no caso das mulheres (esqueça esse tal de silicone, pouco vale), dos homens é a queda dos anos que restringe muito a virilidade. Regra válida mesmo com o advento do viagra. Sendo impiedosamente descartados pela indústria do entretenimento, é mole?! Em contrapartida o cidadão comum: se ferra hoje, se ferra ontem e se ferra amanhã, ou seja, ninguém consegue fugir da mesmice dos dias. No caso de naufragos... Nós não somos naufragos... Perdidos!? Talvez estejam privados da vida que tínhamos só isso, presos... O preso é forçado a trocar sua liberdade para compensar seu delito, daí observa-se que a liberdade de uns compensa a vida de outros... Isto é o máximo. Presos, esta seria a melhor classificação para nossa atual situação. Entendam-me.

O peixinho ornamental...

Era uma vez um peixinho ornamental... você, um peixinho ornamental, isto mesmo... Peixinho ornamental, aqueles pequeninos e coloridinhos, mas que possuísse a força de um tubarão branco. Você peixinho coloridinho possuindo a força de um tubarão que foi retirado do seu habitat natural, ou seja, pequeno mais forte, sabendo que é pequeno e forte. Preso dentro de um aquário e ornamentando uma linda sala. Como seriam os seus dias? Mesmices? Entediados? Passado algum tempo é evidente que você tentaria sair do aquário, verdade? Pois bem, a sua limitação seria o vidro do aquário, ou mesmo o formato do próprio aquário. Agora imagine o peixinho colorido (você), utilizando a força do tubarão e rompesse o vidro do aquário. Qual seria o seu próximo estado? Bom, o primeiro cenário seria este: A água do aquário jorraria pelo chão da sala, na qual ornamentava, transportando bruscamente o peixinho colorido (você), porém a queda o levaria ao óbito. Segundo cenário: O peixinho colorido (você) observando a água do aquário a jorrar, permanece dentro do aquário que ficara vazio, o peixinho colorido (você) desesperadamente permanece pulando no fundo do aquário vazio e também fora a óbito. Terceiro cenário: o peixinho colorido

(você) permanece dentro do aquário curtindo os seus dias, ou fingindo curtir, ornamentando a sala de uma linda casa até ser surpreendido pelo gato da casa. O gato bonito e feliz da vida tenta matá-lo, mas desconhece a força de tubarão incorporado no peixinho colorido (você), feche os olhos, respire pausadamente e construa este cenário em sua frente... Acuado e com muito medo o peixinho colorido (você) reage aos ataques do gato matando-o. Em seguida a dona da casa entra na sala ornamentada pelo aquário, encontra o defunto do gato bonito e feliz estendido no tapete, fica furiosa. Tenta alucinadamente vingar a morte do seu bonito e feliz gato, não encontra o assassino... ao observar a água do aquário tingida de vermelho... Com o peixinho colorido (você) tendo na boca um feixe de pelos, que imediatamente ela reconhece ser do gato bonito e feliz, a dona da casa proferindo uma infinidade de maldições transporta o aquário contendo o peixinho colorido (você) até o riacho mais próximo da casa, despejando nele, sem remorsos, a água do aquário e conseqüentemente libertando o peixinho colorido (você)... é possível sensibilizar pela nossa causa?! Estamos na merda. O meu medo em relação às mesmices dos dias é esta; falta de paciência. Possuímos a força de um tubarão, nossa imaginação e sonhos, mas esperamos o ataque de algum gato e mais alguém que ame este gato. Logo no terceiro dia o gato bonito e feliz apareceu? Só um detalhe, apareceu, mas em formato humano e infeliz e feio; acredite... Infelizmente o seu dono não apareceu (desculpe por antecipar os fatos...)

C.

Anotações:

Tarde do dia primeiro. Fizemos uma refeição bastante leve. Frutas. Sinceramente, sem me preocupar com o que comi. Queria apenas satisfazer minha fome. Após o almoço, tirei aquele cochilo... Descrevendo nossos dias parece que foi moleza, o problema é: descrevendo os pormenores eu sofrerei duas vezes. A vivência, somando com a descrição no papel, horrível. A dinâmica das cores que dançam dentro do inabalável verde destas matas é impressionante. Esta agitação de cores é regida

severamente pelo movimento do astro maior, o sol, sua majestade autoriza a pincelada de novas cores, miscigenando com o verde, transformando... Uma mutação constante que desenrola na noite de negros dedos com o repouso do astro maior na cabeceira da costa. Uma experiência única. Nos cidadãos cosmopolitas, não importamos com estes detalhes da natureza que na verdade é a nossa razão de ser. Experimente sentar entre alguns arbustos e de frente para o mar. Deixe a noite de negros dedos repousarem com sua serenidade sobre os seus ombros e sentindo no rosto o carinho dos ventos. Experimente! É uma experiência única. Anoteceu serenamente. Estávamos precavidos. Criamos o fogo, mas como dizia o B.: "na natureza nada se cria tudo se transforma", ou seja, tínhamos o fogo sob controle. A noite serena e de negros dedos, formava uma parede ao nosso redor, delimitada pelas labaredas da fogueira, sob os nossos olhares de medo, que pintavam a parede de sangue. A noite de negros dedos utilizava da umidade da mata para nos cobrir, de frio, travando uma luta direta com as quentes e vermelhas labaredas de fogo. O que o medo é capaz, hein? Ao redor da fogueira e apoiados em nossos equipamentos de ensaios, digo, foguetes... Dormimos. É evidente que embalados pela sinfonia noturna ministrada pelo som de vai-e-vem das ondas e acompanhados pelos pássaros noturnos, sapos, rãs, onças, lobos, bestas e feras... Gostaria de anotar o seguinte; a Jane estava com medo, portanto o B. recomendou que ela dormisse ao meu lado, acreditam? Uma gostosona dormindo ao meu lado, era a recompensa por tantos sofrimentos. Mesmo após um dia de enfado, ela possuía um cheiro de fragrância bastante peculiar. A Jane dormiu deitada sobre o meu ombro, mas a mistura do medo mais à excitação que ela me causava, não consegui dormir. Ela por sua vez desmaiou.

O segundo dia. Logo no início do segundo dia começamos a sentir os efeitos do cárcere no corpo. Papel higiênico, vaso sanitário, barbeador, espelho, chuveiro, sabonete, anti-transpirante, creme facial, protetor solar, bronzeador, roupas limpas, sapatos, chinelos, água filtrada, sal, arroz, feijão, batatas, colchão, cobertas, travesseiro, internet, novelas, jogos do corinthians (para B.), energia elétrica e etcetcetcetcetcetcetcetc... A falta

desses itens degrada ainda mais o nosso humor. Salientando que alguns não têm importância significativa para nós. Qual a finalidade de espelhos e barbeador? Apenas duas pessoas estão ao meu redor e minha aparência nada representa a eles... Entre outros. Novelas? Deixaria os dias ainda mais deprimentes... Pior com os jogos do corinthians.

O difícil em tudo é quebrar os paradigmas das pessoas... Não pensamos somente no agora, o nosso martírio é pelo que poderá acontecer... Poderá; diferente de: acontecerá. As nossas roupas, levarão, no mínimo mais um ano para desfazerem e isto já nos preocupa. O individuo atual está condicionado a viver com uma série de equipamentos para "melhorarem" o seu dia-a-dia. Sem tais mãos equipamentos se desesperam, o B. esta quase indo à loucura porque não assiste aos jogos do coringão... Um absurdo! A Jane e seus cremes... Ao acordarmos, aquelas perguntas de praxe: dormiu bem? Como foi a noite? Ao ouvir estas indagações temos a sensação da noite ser uma viagem... O que mais impressiona é o conformismo do ser humano. Conformismo é diferente de adaptação ao meio, conformismo é aceitar de bom grado uma condição in-de-se-ja-da imposta por alguém que tenha poder ou até mesmo uma situação imposta pela natureza. No segundo dia, quietos, de nós para nós mesmos sobre o nosso paradeiro, com chegamos até aqui... Pairava no ar o clima, tá bom, é o destino... Um caralho! É frustrante as pessoas aceitarem a dominação sem luta, é positivo o confronto, de alguma forma deve existir a confrontação. Saí, logo cedo para reconhecer a área, contra a minha vontade (medo), a Jane estava com sede. Andamos pela praia e logo avistamos um platô de pedras, era possível abrigar nossa futura construção sobre ele. Estava numa posição muito estratégica. Comentei com a Jane sobre a posição estratégica do platô ele nada entendeu. Assim passamos o dia entre a nossa primeira residência e a construção do novo Q.G.(Quartel General), é claro que durante o dia houve as frustrações, o desânimo repousou sobre nós, mas foi como chuva de verão: passageiro. Ao término deste dia nós éramos integrantes do meio, transformados, não havia em nós medo, isto mesmo: NÃO TINHA MEDO! Assim repousamos.

Terceiro dia. Bom, acordamos cedo, ainda não desenvolvi a habilidade de decifrar as horas através da posição do sol no firmamento, mas afirmo: era muito cedo. Acordei. Permaneci imóvel. Acordado, imóvel mas deitado. Somente os meus olhos movimentavam. Movimentavam cento oitenta graus. Observei Jane. Ao meu lado, dormia. Observei B. à minha frente mas detrás da fogueira que fumegava deliciosamente, dormia. E eu, imóvel. Movimentei uma das pernas. Doeu. Movimentei o pescoço. Doeu. Girei o corpo. Doeu muito. Estiquei um dos braços e cutuquei Jane. Eu estava (ainda estou) totalmente fragmentado. A Jane acordou. Resmungando. Voltou a dormir. Em bom tom e alta voz, eu disse: acorda querida! O B. acordou e imediatamente começou a gritar de dores. Os seus gritos serviram de despertadores e Jane acordou. O cansaço ordenou ao seu súdito, o sono de negros olhos, que nos acorrentassem... voltamos a dormir pesadamente.

## Sonho

"Eu tive um sonho vou lhe contar... eu me atirava do oitavo andar..." não me atirei do oitavo andar... Quase!

Sonhei. Por sinal muito louco. Sonho é algo sem lógica, mas o caminho da intuição. Sonhei. Eu era a Jane e o B. ao mesmo tempo. Fisicamente eu possuía o corpo da Jane, detalhe, o braço estava completo. Tomava um bronzeado num resort à beira mar. Ao pensar em algo automaticamente minha face mudava, ora era a face de Jane, ora era a face do B. argh! Identificando as ideias com a personalidade de um deles... eu adquiria o formato da face correspondente. Cheguei a desejar eu mesmo, então a minha face alterou para a de Jane. Quase enlouqueci. Descobri que a Jane me desejava. Levantei da espreguiçadeira fiz da minha canga uma saia

enrolei no corpo e sai, subi uma escada deixando a praia e seguindo em direção as dependências do resort. Estava deserto. Ninguém. Piscinas vazias, apartamentos vazios, restaurantes vazios... Caminhei em direção à portaria. Estava aberta, sai. A guarita dos guardas estava vazia. Saindo. Abruptamente fui repreendida: Hei garota! É muito perigoso ficar andando sozinha por aí... Procurei pelo autor da repreensão e nada, sai. A voz misteriosa me repreendeu novamente. Ignorei. Continuei minha caminhada. A rua era asfaltada apenas um trecho perto da entrada do resort, o restante em terra batida. Caminhei até uma vila próxima. Um quadrilátero com as casinhas coloridas às margens. Todas vazias. Esgoto lançado a céu aberto. Lixo amontoado na esquina e uma ratazana tentando escalá-lo. O vilarejo estava deserto. A carência de estrutura básica, coisa de terceiro mundo, não tirava a beleza que pairava sobre aquele lugar. Na outra extremidade da vila observei um fundo azul. Era o mar. Atravessei o quadrilátero de casas na diagonal na ânsia de avistar melhor o mar. Ouvi um grito: Onde pensa que irá sua gostosa. Ao virar para xingar o autor desta frase chula observei uma multidão de fotógrafos que tiravam fotos de mim. Freneticamente. Rostos indecifráveis. Fiz uma pose bem sensual. Ficaram loucos. Safados. Na extremidade da vila avistei perfeitamente o mar. A vila era alta em relação ao mar, privilegiando a visão. Olhei em direção a vila e os fotógrafos desapareceram. Observei o resort que eu estava. Era muito bonito. Ao olhar novamente ao mar notei uma embarcação que aproximava, grande embarcação. Em pouco tempo estava bem próximo da costa, fez um movimento de estacionar, parou. Um verdadeiro Titanic, tal era o tamanho. Logo em seguida desceram os botes e foi possível escutar um aviso que transmitiam aos passageiros da embarcação: "Não esqueçam, Vocês estão num país de terceiro mundo, no brasil" em seguida os botes foram lançados nas águas com os passageiros a bordo. Fiquei puto. Pudera o brasil país de terceiro mundo, isto nunca deveria acontecer ... pensei com os meus botões (adquiri rapidamente a face do B.) pensam que estão em portugal. Os botes avançavam em direção a costa. Era possível discernir as vozes dos passageiros e estavam jubilosos. Ao atingirem a praia os botes estavam completamente vazios. Vazios. Inacreditável. Ninguém. Estavam vazios.

Acordei bruscamente. Assustado. Voltei a dormir. Senti que era apenas um sonho... Ainda bem?!

C.

O nosso desgaste físico estava atrelado à construção do Q.G. Aproveitamos as rochas do próprio platô, a construção ficou simples e objetiva. Apenas um cômodo. Possuindo uns trinta metros quadrados. Pequena, contém três janelas, todas com funções estratégicas pré-definidas pela arquiteta. A janela da esquerda, direciona-se para a baía dos Porcos, da direita à baía de Guanabara e a frontal ao oceano. Os nomes foram patenteados por B. Ainda sem mobília, apenas um tronco no centro, para fixarmos as três redes de maneira que ao deitarmos para dormir formaremos um triângulo, ou seja, de costas uns aos outros de frente para as respectivas janelas e ficando seguros em caso de ataques. Mesmo porque a parte traseira do Q.G. é protegida pela montanha da costa. Com os equipamentos a ideia foi também fixá-los nas janelas, porém possuímos apenas dois, um deles movimentada-se da esquerda à janela frontal e o outro é fixo na direita. Na parte externa da construção no nível inferior e em frente da janela frontal criamos um mirante. Foi desgastante, mas ao término sentimos mais segurança com um teto sobre as nossas cabeças e a nossa arquiteta propôs a construção de um jardim suspenso, uma ótima ideia, porém postergamos para o próximo dia. Para o acesso do platô criamos uma passarela, mas futuramente pretendemos substituí-la por uma ponte suspensa de forma a dificultarmos o acesso de convidados indesejados ao nosso Q.G., esta passarela termina na porta lateral da construção. Ali construímos uma base que serve de acesso tanto para a porta, quanto ao mirante descendo através de uma escada de cinco degraus. Toda a obra foi projetada e construída de forma a respeitar as oscilações da maré, considerando ainda uma margem de segurança, mesmo em dois dias foi possível verificar os movimentos da maré. Na cobertura da construção foram utilizadas folhas de palmeiras, se não for palmeiras é bastante similar, muito abundante na região. No geral o Q.G. ficou bastante aconchegante e agradável. Bom! Este é o nosso Q.G.



O repouso dos seres humanos possui: começo, meio e fim. O nosso repouso também teve um final e como todos os finais de sono irritante. Acordamos com um grito DESESPERADO de Jane. Inicialmente imaginei que sonhava. A primeira imagem que presenciei ao abrirem os olhos era exatamente o prolongamento de meu sonho com apenas algumas variações. Acordar é voltar à realidade e este era o nosso medo. A realidade nua e crua. A falta dos itens já mencionados atrelado ao desgaste físico e psicológico... Éramos apenas trapos. Acordamos. Assustados, mas acordamos. Quero aproveitar e manifestar o meu descontentamento com o que aprendi de história no colégio. Uma farsa! Entendo perfeitamente a dificuldade em relatarem fatos, sofro isto na pele, tanto no momento de traduzir os fatos em letras quanto enxergar os fatos propriamente ditos... Deveriam existir critérios para elaboração dos detalhes da história de um povo, país e da Humanidade. A realidade é multifacetada perante qualquer espectador, ficando a estes o critério de escolha do ângulo de melhor visualização, neste ponto, os perfis dos espectadores se sincronizam com a realidade. E qualquer um deles, tentando, transcrever a efetiva escolha da "realidade", proporciona a ela uma filtragem decorrente de sua própria formação cognitiva e transcendental, sobrando para a posteridade apenas fragmentos da realidade, ou melhor, a sombra... Obviamente dependerá da habilidade do leitor em descongelar, à realidade "preservada". Cabe ao Historiador, garimpar estes fragmentos da realidade, montar um mosaico independente, porém, o mais fiel possível à realidade original. A história na verdade é o mapa para entendermos a vida atual... A realidade original fica restrita, somente aos academicistas e a alguns, gatos pingados, que se titulam intelectuais... E eu, simples mortal, me obrigaram a acreditar que cabral com sua armada, 13 barcos, zarpou de Portugal em março de 1500 e chegou ao Brasil em 22 de abril. Mentira! Mentira! Mentira! A imagem que presenciei ao abrirem os olhos... Conhecem aquele protótipo de embarcação que o governo brasileiro encomendou em virtude das comemorações dos 500 anos do descobrimento? Uma caravela? O que eu vi era bem parecido, um monstrengo. Estava estacionado na baía dos Porcos. Quando acordamos efetivamente um bote avançava em direção ao platô. A primeira reação

nossa foi abrir fogo contra o bote. A Jane em desespero não permitiu tal coisa. Conforme o bote avançava ia ficando visível às características de seus tripulantes, a saber, um padre carregando uma cruz e mais duas personagens vestindo a rigor . Atingiram a praia na baía dos Porcos. Um dos passageiros desceu e auxiliou o padre a descer. Conforme toda estas encenações se desenrolavam na minha presença proporcionalmente a tese de que voltamos no tempo ia fortalecendo. Desceram. Com as águas na altura da canela, caminharam lentamente, até atingirem a praia.

O padre foi o primeiro. Ajoelhou-se e beijou o chão, digo areia da praia, levantando em seguida e sinalizando uma cruz no ar com certeza abençoou a terra. Ninguém é bobo, traz um padre na frente... Estávamos extáticos. Quem de nós iria encontrá-los. Ninguém se habilitou. Como estávamos na mesma empreitada, eu propus , que nós todos deveríamos encontrá-los. Saímos. A Jane era a que estava mais desinibida...

Assim foi à tarde e noite do dia primeiro, dia segundo e o amanhecer do terceiro dia.

C.

## A Primeira Visita

Socorro! Socorro! Socorro! Socorro! Socorroooooooooooooooooo *a Jane apontava uma embarcação estacionada na baía dos porcos. E um bote que avançava em direção à praia*

O quê é isso Jane!? Pare com essa gritaria...

Calma madame...

OLHEM, OLHEM... Ai meu deus.

Merda, o quê será aquilo?

Vou resolver rápido este assunto...*destravando o foguete B. aponta para o bote, para o desespero de Jane e C.*

NÃO B.! NÃO B.!

SAIA DA MINHA FRENTE !

CALMA B., NÃO HÁ NECESSIDADE. VOCÊ NÃO ESTÁ NO PARAÍSO? Ou no paraíso você mataria alguém.

É mesmo B. , eles talvez sejam nossa libertação...

Tá bom... mas vocês resolverão este assunto!

Vocês não, nós resolveremos este assunto, entendeu?

Isto mesmo C. *os tripulantes do bote atingiram a praia*

Vamos resolver logo este assunto...

Calma B.! Apenas observaremos...

Pessoal. Pelo jeito eles conhecem esta região.

É mesmo Jane, estão bem decididos. *O padre através de gestos abençoa a terra.*

Esses caras foram longe demais, vamos recebê-los...

Mas onde o Senhor, pensa que vai com este foguete a tiracolo?

Você está louco B.? o C. tem toda a razão, deixe o foguete!

Tá bom... Vamos.

*Nossos heróis deixam o Q.G. em direção ao grupo que também caminham rumo ao Q.G.*

Gente! O que eu digo?

Não teve educação madame? Cumprimente...

Olá pessoal... Sejam bem-vindos... *Os dois grupos estão bem próximos, mas os visitantes param assustados, ou indignados após a saudação de Jane.*

Jane! Se ligue! Todo padre sabe latim... Fale em latim, porque pelo jeito eles: nada. *Disse C. no pé-de-ouvido de Jane*

C. eu estudei pouco latim...

Quatros anos são poucos!? Perca o medo e fale!

*A Jane aproximou-se do padre, ainda estava parado e atemorizado, tomou sua mão direita beijando-a. Cumprimentando em latim. O reverendo esboçou um tímido sorriso e desandou a falar... todo feliz, mas também em latim. Para o desespero de C. e B. que nada entendiam. Portanto transcreverei o diálogo.*

- Que o altíssimo Deus o abençoe, amado mestre. Onde vem vossa mercê? Qual o seu nome? E dos companheiros?

- Bem aventurada és tu mulher. Ainda não encontrei em toda terra mulher tão bela. Nem mesmo na terra dos bolonha... Viemos dalém mar. Da terra de D. João II. Meu nome não falarei... Os meus companheiros são: Esmeraldo de s. Pacheco Pereira e João Faras...

- Não dirás o seu nome amado mestre?

- Não! A nossa passagem por aqui será rápida, nos próximos trinta dias aparecerá no gran-mar outra armada com vinte naus... Comandada por Pedro Álvares de Cabral.

- Pedro Álvares de Cabral!?

- A senhorita o conhece?

- Ouvi apenas alguns comentários sobre ele... Amado mestre. O Senhor sabia da nossa existência? Como veio direto à nossa cabana?

- É mistério Srta. Precisamos ir... Que o altíssimo Deus os abençoe...

- Esperem...

- Não posso deter-me por estas paragens... Quero presentear-las. Tome isto...

- O quê é?

- Descubra. Será muito útil para vossa alteza...

*Imediatamente deram as costas para os nossos heróis e retornando para a pequena embarcação "ancorada" na praia. Antes o reverendo curvou-se beijando o chão. Adentraram ao mar até atingir a pequena embarcação. Soltaram a fixação e começaram a remar em direção a caravela estacionada na baía dos Porcos. O curioso é que eles não conversavam entre si. Nossos heróis permaneceram parados, observando, por muito tempo. Estavam atônitos. Ficaram neste estado de nostalgia até a caravela sumir no horizonte.*

Pessoal, ficarei maluca... Isso é inacreditável.

Calma. Jane nos diz o que o padre falou...

Eu falei; vocês ouviram...? Deveria ter liquidado com tudo...

B. manei. Jane o que o padre comentou?

É o seguinte: Eles vieram em nome da coroa portuguesa... Sob o mando de D. João II. O padre estava acompanhado de esmeraldo de s. Pacheco Pereira, o do colete vermelho, o outro era João Faras... O padre não falou o nome. Disse também que nos próximos trinta dias a partir de hoje, aparecerá uma armada composta de vinte naus comandada por PE-DRO ALVA-RES CA-BRAL. ENTENDERAM? Isto mesmo PEDRO ALVARES CABRAL. Perguntei a ele sobre a nossa existência. Como vieram direto em nossa cabana? Sabe o que respondeu? – *É mistério Srta... É mistério...*

Jane, B, Prestem atenção! Voltamos no tempo... Merda!

Quantas naus virão, hein Jane?

Vinte B., vinte...

Bom, possuímos vinte e quatro munições... Destruiremos antes de chegarem à costa.

B., quem disse que eles virão justamente aqui? Hein?

Se vierem estarei preparado...

O que eu fiz para merecer tudo isto? *Com o rosto revestido de lágrimas, Jane, senta-se na praia e começa a lamentar a sua existência...*

Sem choradeira... Vamos erguer a cabeça, concluir nosso Q.G. e prepararmos para a batalha. Jane! O quê é isso na sua mão?

C. não sei... Perguntei ao padre, ele disse: descubra.

Deixe-me ver... Parece uma luneta este monstrengo... Conhece B.?

Uhm... Estranho, possui duas lentes... Realmente parece uma luneta...

B. você quer dizer, um protótipo de luneta...

É, mais ou menos... Aumenta um pouco os objetos, olhem aquela copa de árvore.

Aumenta pouca coisa... Vamos guardá-lo. Fica sob sua responsabilidade, Jane.

Que tal pescarmos hoje, hein C.? Não aguento mais comer frutas e outra, estou com fome...

B. deixe de manha, mal acordamos e você esta com fome? Dá um tempo... Como pescaremos?

Montaremos algumas armadilhas entre as pedras e abateremos os peixes com um pedaço de pau...

B. você esta virando índio. Vamos Jane anime-se...

Animar como?! Aonde estou...? E só acontecem coisas malucas... Olhem o presente que ganhei um absurdo!

*Eu já falei, é só curtir... Deixe rolar madame... ao tentar animar a colega B. esboça uns passinhos de samba e quase beija o chão tamanho a falta de coordenação motora, levando C. e Jane ao delírio.*

Após a visita, misteriosa, terminamos o Q.G. e a vida por aqui se tornou uma mesmice total.

Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.

Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians... Dormir.

Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.

Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e

mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians...  
 Dormir. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.  
 Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians...  
 Dormir. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.  
 Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians...  
 Dormir. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.  
 Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians...  
 Dormir. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.  
 Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians...  
 Dormir. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.  
 Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians...  
 Dormir. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.

Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prostrar ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians... Dormir. Acordar ao anúncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.

Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prostrar ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians... Dormir... Sentiu como ficou estressante a vida por aqui? É foda! Às vezes neste cíclico processo havia algumas variações para mais ou para menos da linha imaginária traçada por meus sonhos... Estava desejando a Jane... é aquela história de sempre. Uma risadinha aqui, uma indireta ali, palavras de duplo sentido acolá... Até rolar um tímido mas safado carinho... Aquela química do amor onde os corpos se atraem coisa que todos conhecem a dança da conquista. É inútil descrever, Amor, algo conhecido, experimentado e banalizado por todos. Este era o meu único sonho. Sentia-me oco. Completamente vazio, um cidadão sem sonhos está fadado à morte. Ou o suicídio. único; porém eu sonhava. Assim o nosso dia-a-dia, detalhá-lo seria entediante. Evidente que alguns momentos merecem uma descrição minuciosa. Por exemplo, o caso da luneta. Foi impressionante a ousadia do padre em retirar aquele monstrengo de sob sua beca e entregá-lo a Jane. Naquele instante eu tremia. Temi pelo pior. Na verdade eu fiquei com medo. Mas ao longo destes intermináveis dias eu o B e Jane, disputávamos quem melhor utilizasse o monstrengo. Era piada. Nós divertíamos demais. Certa ocasião a Jane chorou, copiosamente, de tanto rir. Em outra ocasião o B. dormia pesadamente, mas de hora em hora resmungava algo... Do tipo: marca agora, se não fizermos vamos levar, entre outros comentários... Foi aí que tive uma ilustre ideia. Narrar ao ouvido de B. uma partida de futebol. Comecei. *"Lá vai o coringão no ataque... tentando desesperadamente o empate e quem sabe virar a partida. Assim o B. dormindo virou na rede mas sua face era de regozijo... eu continuei. Levantamento na área torcida brasileira... balão subiu... balão*



*desceu... trinta e cinco minutos do seguuuuuuuuundo tempo... a bola vai pra escanteio. Zézão o juiz com certeza dará mais quatro minutos de acréscimo... Informa Gil, nosso repórter lá do gramado... lá vai serginho para cobrança... este é um dos maiores clássicos do futebol brasileiro... palmeiras e corinthians... autoriza o arbitro ... levantamento na área petróleo de cabeça e goooooooooooooool do corinthians ... eeeeeeeeeesta tudo igual aqui no morumbi... a torcida faz a festa... Zezão! Zézão! Fala gil... O técnico do corinthians põe todos os reservas pra aquecimento... lembrando que ele poderá executar mais uma substituição... Esta tudo igual... e tome corinthians no ataque... O B. novamente resmungou e intuitivamente esboçou um novo sorriso... o palmeiras rouba a bola na intermediaria corintiana... impondo um contra golpe inesperaaaaado... pedrinho domina... lança pra alê que avança sozinho... eeeeeeeeeee goooooool. O quê?! O quê?! O juiz anula o gol... Zezão o bandeira marcava impedimento na direita... pensei que o B. acordaria, resmungou severamente. A Jane ouvia tudo indiferente. Final de jogo torcida brasileira... muita confusão no gramado... os jogadores do palmeiras avançam sobre o arbitro..." Assim o B. continuou a dormir, porém serenamente. Acordou no outro dia e... o dia todo comentou sobre o sonho. Fiquei jubiloso por contribuir com a felicidade do B. a única coisa ruim... era ao passar fax... Digo: Cagar. Isto mesmo, ca-gar. Não me envergonho em descrevê-lo, mesmo porque, todos cagam... Porém cagar desprovido de um vaso sanitário, papel higiênico ou aquela duchinha para limpar o o o o oooooo... Todos sabem o que, é algo impensável. No momento que eu concentrava, agachado, fazia aquela forcinha básica um maldito mosquito aparecia para sugar a meu precioso sangue e conseqüentemente subtraindo toda minha concentração. Bom, depois de todos os contratempos vinha o momento de limpar o dito-cujo, utilizava as folhas de uma planta verde-escuro, largas, porém áspera. Para o meu desespero. O cara para executar todo este ritual tem que ser muito macho...*

Vários dias após a manhã do terceiro dia

C.

## A Surpresa

*Nossos heróis dormiam. O dia amanheceu feio. Nuvens turvas povoavam o céu, salpicando de negro. Aleatoriamente faíscas, revestidas de um som infernal, disparavam do céu em direção ao mar, transmitindo o mau humor daquela manhã. Impelindo o mar a agir bravamente suas ondas contra a costa. Incluindo aí as pedras do platô. Mesmos envolvidos naquele ambiente sombrio, nossos heróis recusavam a acordar... Acordar é voltar à realidade. A mãe natureza, de brancos cabelos, não descansou até nossos heróis acordarem.*

Jane! O quê é isso?

Até parece que você desconhece... C., nunca viu um gato?

A questão não é essa... o que quero saber é o seguinte, como este bicho apareceu aqui na cabana? Hein? Quase vinte dias que estamos nestas bandas e até então nada de qualquer animal parecido...

C. não se preocupe. Pelo tamanho do gato, dará um churrasco e tanto...

Ficou louco B. já a adotei. A gisele ficará conosco.

O quê? Mal conseguimos sobreviver e vem você dizendo que a gisele ficará conosco? Jane onde esta sua cabeça?

Sobre o pescoço... seu engraçadinho.

Engraçadinho, Eu?! Muito bem, a senhora adotou uma gata: gisele. Porém, está proibida a entrada desta gata em nossa cabana. Concorda B.?

Perfeitamente.

Eu discordo...

Querida a maioria vence...

Onde a coitada desta gata viverá? Largada por aí? Não! Não! Não! Não! Não! Não! Não!... entenderam?

Como coitada ... esta gata não é filhote, como ela viveu até hoje? E outra este animal não é nativo das américas...

Quem falou que estamos na américa?

Jane. Sem desviar o assunto. Você sabe muito bem que estamos na américa...

C. foram àquele pessoal...?

Que pessoal B?

Aqueles patetas, vestidos a rigor, que vieram naquela caravela?

Eles entregaram somente o monstrengo para Jane...

B. olhem a nossa dificuldade... não possuímos tecnologia para armazenamento de alimentos, hoje chove, temos que sofrer para saciar nossa fome e além disto trazer comida pra belezinha...

C. só um detalhe, a Jane precisa de uma companhia...

E eu?!

Você C. pelo jeito não esta dando conta do recado *disse B. e imediatamente a face do C. iluminou ,ficou rubro, é evidente que gostaria de esganar o B.*

B. incompreensível como um homem, que se diz homem, se preocupa tanto com outro homem...

Não gostou hein C...

Qual é... a Jane conseguiu o que queria desviamos o assunto e criamos um racha entre nós. Portanto a gisele ficará conosco...e lembrando, hoje é sua vez de providenciar o café da manhã.

C., somente porque chove, aí sim é minha vez...

Deixe disto B.

Hei pessoal, então a gisele ficará conosco?

Infelizmente...

C.; ... Ela com certeza cuidará desta casa...

A sim, você ouviu o dito: "quem não tem cachorro vai com gato"... com certeza será o nosso cão de guarda... grande coisa! Sabe B. irei com você buscar o café da manhã...

Mas chove!

E daí? Qual o problema?

Tá baum... até meninas.

Hei C. ! Não falará nem thauzinho...

Beijos Jane...

Vamos B. aqui ô... o quanto antes atingirmos aquelas arvores será melhor... não ficaremos tão molhados...

C. sabe de uma coisa? o aparecimento daquele gato é muito estranho... Entendo você... E aí? O quê faremos? Como descobrir a origem do bichano? Impossível... Olhe aqui. Levaremos estas frutas... Vamos rápidos.

Quando chegarmos à cabana, não teremos aquele banho quentinho...

A fogueira ficou acesa?

Ficou. Mas as lenhas acabarão em pouco tempo.

Alguns dias atrás descobri uma planta que se pode fazer chá com suas folhas... Onde estava...?

B. seja rápido, é melhor procurarmos esta planta com mais tempo?

Você quem manda chefe.

Eu?! Chefe... deixe de brincadeiras... olhe outra ali... perto de seus pés...

É suficiente?

Claro... temos que pensar no almoço...

Puxa é mesmo, não sairei debaixo deste temporal para levar *comidinha* pra madame... e além do mais, é responsabilidade sua, ouviu C.? Abre-se comigo, vai! Você dormiu com a Jane? Vamos rapaz desembuche...

B. se eu dormi ou não, o quê mudará em sua vida?

É que serei o tio da criança...

Está maluco homem... arrumar filhos nestas paragens é loucura.

Como você faz sem camisinha... Ela esta sem remédios... Tira na hora agá?

É de sua conta...?! Cale a boca, vamos dar o fora daqui...

Ninguém gosta de olhar no umbigo...

Mesmo?! Incluindo você... Vamos, rápido!

*Ao chegarem à cabana, nossos heróis ficam surpresos ao encontrarem a Jane empunhando um foguete e apontando-o em direção ao mar...*

Jane! Meu amor, o quê é isto?!

Olhem! olhem! ai meu deus...

Onde Jane?

Lá na baía de Guanabara... pegue o monstrengo e deem uma olhada...

Cadê? Com a chuva fica difícil visualizar alguma coisa...

C.! deixe-me ver. Uhm. Uhm. Uhm. Uhm. Parece uma caravela... é um pouco diferente da do padre... mas, mesmo com a chuva, ela avança rápido em direção à costa...

Como assim diferente, B?

O formato dela, parece menor e mais estreita... acredito que estas diferenças de a ela mais agilidade...

Quem precisa de barcos ágeis? Hein B. Jane? Piratas...

Piratas?! Ficou louco C.

E porquê não? Apareceu padre... Apareceu gato e não aparecerá piratas? Pedro Álvares Cabral virá com vinte naus, não é?

É! Foi o que o padre disse... "*daqui trinta dias...*"

Jane! Quanto tempo faz?

Ainda não deu vinte e três dias...

Gente! Vocês batem papo e o barco avança cada vez mais...

E o que faremos?

C. empunhe o foguete e abate estes desgraçados...

O quê? abatê-los ... mas se não forem piratas...

A merda esta aí.

Jane! B! Vamos agir como anteriormente... esperem a aproximação e em seguida o encontraremos...

*Nossos heróis ficam apreensivos e mudos, a embarcação visitante entra na baía, estaciona em uma posição confortável resistindo tranquilamente a fúria das ondas... e para espanto dos heróis... uma pequena embarcação é lançada nas águas e em seguida um tripulante desce pelas cordas liberando as amarras da pequena embarcação e dirige-se para a costa.*

Você observou C.? Apenas uma pessoa... aí dará para encarar !?

Ele conseguirá atingir a praia com aquele barquinho?

Boa pergunta... Observem como ele maneja bem o barquinho...

Esse cara é macaco velho...

Jane! Você desta vez ficará.

Por quê?

Não há necessidade querida... Vocês veem algum padre?

Conversarei somente com padres? hein C.

C. ela ficou brava?

B. Jane! Olhem como aquele cara é esquisito...

Realmente a sua figura é estranha...

*Através de algumas manobras, radicais, o tripulante da pequena embarcação mostra que possui intimidade com as águas. Em pouco tempo arrastava uma das pernas nas areias da praia...*

Vamos B. o visitante atingiu a praia...

Novamente debaixo dessa chuva tenho que passear... é um absurdo!

Deixe de moleza, vamos!

Meninos, mantenham a calma...

C. ao atingirmos a praia caminharemos ombro-a-ombro para causar medo neste cara...

Qual o objetivo? Desconhecemos... Qual sua intenção?

Que figura... Parece que se esqueceu de tirar a fantasia do carnaval...

Deixe de brincadeiras!

*Seja bem-vindo colega...*

C. fale em espanhol... Porque o mané está boiando...

O quê ele tá fazendo?

Esta com dor de barriga...

Será que ele vai... Na nossa frente?!

É um porco...

Calma B., ele chama por alguém...

C. olhe a gisele ai atrás!

gisele? Como? Hei colega esta gata é nossa...

Afaste C. o cara esta armado... deixe-o ir...

Mas e a Jane?

Tenho certeza que a Jane prefere você à gata.

*O estranho visitante estava convicto de seu objetivo. Sem pronunciar palavras, próximo de nossos heróis, abaixou-se, produziu um som agudo e cortante... chamando por alguém. Como C. e B. estavam de costas para o Q.G., eles não observaram a gisele escapando dos braços de Jane e correndo ao encontro do visitante. De posse da gisele o estranho visitante sem dar a mínima para C. e B. voltou-se para a pequena embarcação. Cantarolando soltou as amarras e direcionou o barquinho para a embarcação atracada serenamente na baía. Sua cantiga misturava com o som das ondas e produzia uma harmonia fúnebre... para o desespero de C. e B. Jane em silêncio aproximou-se deles, estavam extáticos... observaram a cena. Quando o barquinho aproximou-se da embarcação um alarido rompeu o monótono som das ondas e o visitante foi recebido com salvas...em seguida soltaram as amarras e sumiram no horizonte.*

*Indagações? Ou perguntas afirmativas?*

*Quero explicar o título. Diariamente, sempre que possível, procuro descrever nossas aventuras, ou melhor nosso dia-a-dia neste cárcere. Sei que a vida por aqui é cíclica, mas alguns eventos merecem uma descrição e portanto escrevo o diário. Porém hoje, um turbilhão de indagações bombardearam minha cabeça e sou obrigado a descrevê-los. Originando o título acima. Porquê todas as surpresas acontecem com a Jane? Primeiro: Ela enxergou antes de todos a embarcação do padre. Ela encontrou a gisele. Enxergou no meio da tempestade a embarcação dos piratas. Como? O dia começou esquisito. Perdemos um tempo enorme discutindo o destino da gisele, é ridículo um Homem perder o seu precioso tempo atrás de gatos... qual é a dos piratas...? bom! discutimos calorosamente. Mesmo sendo curta a estadia de gisele conosco foi possível observar o seu comportamento. Era evidente o senhorio estampado em sua face. Relaxadamente deitou-se no chão. Detalhe. As patas traseiras esticadas, as da frentes dobradas de maneira a servirem de sustentação à volumosa cabeça. O movimento veloz dos radares demonstrava sua preocupação com nossa discussão. Sabia perfeitamente que tratava do seu destino. Mas a*

*tranquilidade dos seus olhos, abre-fecha-abre, lentamente sendo dominados por efêmero cochilo, também expressava seu desprezo para conosco. Às vezes sua boca abria. Sono. Fechava. Sono. Era invejoso o contraste entre preocupação e desprezo. A vida é tão curta que chega a ser, por exemplo, impossível descobrir o que as mulheres pensam. Agora. Sem tempo para as coisas importantes, mulheres, perder o meu precioso tempo a descrever uma gatinha?! É muito inútil. Queria apenas manifestar minha perplexidade sobre estes últimos acontecimentos...*



## A Segunda Visita\_Oficial.

A porta de entrada para o nosso mundo é o mar. E após sucessivas visitas passamos a idolatrá-lo. Tudo é o mar. Estou convicto, voltamos no tempo, porém não encontrei os povos pré-colombianos. Os verdadeiros donos destas terras. Os meus pensamentos fluem com muita rapidez produzindo uma lentidão de raciocínio me deixando tonto. Ou melhor mais tonto. A perturbação toda reside no seguinte: pedro alvarez cabral descobriu o brasil, também passou por outras terras incluindo o continente africano. E pior, dizem que lá existem os canibais. Segundo o aparelho de B., o GPS, estamos na américa... as vezes, a dúvida paira sobre mim. Porém como idolatramos o mar, o continente pouco importa ele nunca nos apresentou surpresas... Então vagamente penso nos canibais. Após a efêmera passagem de gisele por estas paragens, tudo voltou ao normal e de frente para o mar. Aquela mesmice de sempre. Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.

Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prosear ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do corinthians... Dormir.

Acordar ao anuncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas.

Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado... Esperamos pelo bonito gato e seu dono... lembram?

Segundo minha memória hoje é o trigésimo dia, contados a partir da visita relâmpago do misterioso reverendo, que estamos nesta vila "cinematográfica", tal é a beleza e perfeição deste lugar... Incluindo também as personagens, ou melhor, a personagem. A Jane. Ontem ao deitarmos, esperamos o B. dormir, é claro que esperamos pouco tempo. Fizemos Amor. Diz um grande poeta que amor não se fala, não se escreve, Amor se Faz. Eu fiz. Porém algo de estranho apoderou-se de mim. Ao beijar Jane, senti um gosto estranho... Semelhante a beijar eu mesmo. Parecido

com treino dos adolescentes que beijam o espelho na ânsia de dominar a técnica e fazer bonito frente o sexo oposto... Senti o meu próprio gosto. Mas afirmo, foi ótimo. Algo nos atraem. Hoje, pela manhã, fizemos amor. Foi ótimo. Além disso, nada mudou no nosso dia-a-dia. Sabendo da profecia do padre, nestes últimos dias, mais que tudo grudamos os olhos no mar. Esperando a prometida visita. Nesta tarde o céu estava limpo. O céu azul fundia com o azul do mar criando varias cores de maneira ser impossível distinguir a linha do horizonte. Derepente foi possível, alguns pontos apareceram lado-a-lado demarcando o limite tênue entre céus e águas. Estávamos na praia. Contamos vinte pontos. Deduzimos vinte naus. Freneticamente fomos impelidos para o Q.G. seguindo aquela velha lei, salve-se quem puder... E tomamos posição de combate. Os pontos foram aumentando e contribuindo para consolidar a predominância do azul no horizonte. Quando foi possível distinguir as naus o céu mudou repentinamente de cor, majestoso azul foi dominado por um cinza assustador, fundindo o marrom das naus a uma cor escura e amedrontadora. B. foi o primeiro a levantar a questão: por que deveríamos recebê-los? Este é um assunto muito complexo de forma a ser impossível discutirmos enquanto as naus avançavam... Como não visualizávamos as pessoas dentro das naus, resolvemos abatê-las, seria menos doloroso. Por desengargo de consciência, estaríamos abatendo somente as naus. Como os nossos foguetes eram guiados por calor, foi fácil atingir o primeiro alvo. As naus avançavam juntas produzindo uma sensação de colosso e também de admiração. B. fez o primeiro disparo. O disparo atingiu as duas naus centrais do conjunto. E para nossa surpresa, explodiram simultaneamente. Produziram uma grande fonalha, criando uma coloração em destaque no primeiro plano daquele estranho cenário. Sentimos o impacto da explosão que também atingira mais quatro naus, com menor magnitude, mas o suficiente para retardar o avanço das demais e aderná-las. Acredito que à distância entre nós, naus e costa, foi o suficiente para abafar os gritos dos tripulantes. Gritos que certamente fora o passaporte para o Hades. Sem culpas. Por toda a devassa que eles produziram no continente americano, assim diz a história... Executando uma manobra rápida, passaram a

navegar em fila e a embarcação da extrema esquerda tomou a dianteira. Estratégia pouco viável frente ao "inimigo". Para nossa alegria. Adentraram na baía dos Porcos e em seguida a primeira embarcação fez um disparo. Não chegou a atingir a costa. Senti na pele a guerra. Como tudo se processou rápido impossível pensar em retaliação... Apesar da velocidade dos acontecimentos algo crescia lentamente em meu interior. Ódio. Mesmo com o foguete em mãos, mas sem forças para responder ao disparo. Agora, no relato dos fatos, percebo, o ódio no meu interior era imaturo e, portanto incapaz de produzir sinais externos de revolta. Assim, Jane, desesperada tomou o foguete das minhas mãos, com muitas dificuldades apoiou sobre o batente da janela respondendo com fogo o disparo dos invasores... Nova explosão. Nova fornalha. As águas foram pintadas pelos gritos... de dor, desespero e maldição. Era uma delícia presenciar aquela cena: fogo e pedaços de madeiras indo para os ares... No meio da fornalha partiu um segundo disparo contra nós, com certeza ao ermo, atingiu a praia à direita do Q.G. nada de perigo. Muita fumaça. Muito pó. Um cheiro estranho, de morte, atingiu a costa. Silêncio. O silêncio se opõe a vida, pairava na atmosfera uma sensação de morte... Silêncio. O silêncio continuava a dominar o ambiente. Produzia medo. A fumaça era tal que dificultava nossa visibilidade, mesmo porque, as embarcações estavam em fila e ao atingirmos as primeiras embarcações criou-se uma cortina de fumaça e fogo protegendo as demais. Somente quando três naus deixavam à baía dirigindo-se a alto-mar foi possível visualizá-las. Com certeza voltariam para o velho continente levando notícias do fogo que encontrou na "nova" terra. Guerra. A guerra em si é tão perversa e cruel tornando-se indescritível. Qualquer comentário seria um dispositivo de minimização da violência nela contida ou banalização. É sabido que as palavras quando representadas graficamente são dóceis e letais de maneira a impor reflexões. Somente reflexões nada mais. As imagens, sons, palavras e etc... nunca representam à guerra em sua totalidade e mantém o receptor confortavelmente protegido por certo distanciamento. Portanto estou fora desta banalização. Aposto que, um tarado ou psicopata, lendo estas anotações me classificara como bundão. No momento de descrever o amor?

Pulei; para descrever uma pequena batalha? desviei do assunto... antes de receber qualquer julgamento malicioso, quero salientar o objetivo destas anotações é descrever o meu dia-a-dia... primeiro, sou cientista e por sinal muito objetivo. Segundo, a maneira como fui introduzido neste lugar também é uma forma de violência... esquecem! O dia começava a refrescar e a noite de negros dedos se assenhoreou das cores, permitindo o afloramento de uma massa escura que repentinamente era pincelada pelo dourado do fogo. E ele consumia serenamente as naus ... "ancoradas" na baía dos Porcos. Para dificultar a vida dos invasores nada de fogueira acesa durante a noite. Estávamos tão tensos que perdemos a fome. Não jantamos. Combinamos de fazermos sentinela a noite toda, três turnos, enquanto dois descansavam o terceiro fazia guarda. Assim estaríamos precavidos contra-ataques surpresas. Os invasores permaneciam na baía dos Porcos... O meu turno foi o terceiro. A noite de negros dedos vestida de silêncio me submeteu a uma limitação visual que atrelado ao meu medo multiplicou o número de invasores. Onde os meus olhos repousavam ali havia invasores, medo. Imaginava invasores, medo. Não descansei um segundo sequer no meu turno ansiando pelos raios do sol. Sentia que o sol seria o meu libertador...

C.

*Ao prelúdio dos pássaros, conclamando todos, a um novo dia, coroado com a vitória dos raios de sol sobre a noite de negros dedos, nossos heróis acordaram (exceto C. que fazia guarda). E imediatamente observaram, em meio ao nevoeiro instalado na baía, apenas uma embarcação... começaram*

*a contabilizar as naus abatidas no dia anterior. Concluíram; quantificar as naus abatidas nada importaria, mas, teriam que abater aquela ancorada na baía. Conforme o dia ia esquentando a embarcação ficava mais nítida. Sendo assim, possível aos nossos heróis observarem com clareza os tripulantes daquela embarcação. Condoeram-se. Refletiram. Jane viu um padre. O B. enxergou uma dama... O C. visualizou os invasores...*

Pessoal, vamos abatê-los...

Por quê? o quê nos fez? C., Qual o motivo de tanta revolta...? Olhem como são coitados...

Jane, sem apelo emocional...

Calminha aí C.! Pelo meu esforço mereço aquela dama, lá ô. Viu? parece ser bonita... Mereço?

A questão é... De onde vieram? Serão portugueses? Sendo portugueses merecem nosso respeito? Nada fizeram pra merecer...

Algum português fez mal a você, hein C.?

Não!

Então?

Fizeram muito mal ao meu povo, dizimaram o meu povo e são ...

C. vamos ser democráticos, cinquenta-por-cento-mais um vence... Eu e Jane vencemos a você queridinho, cabe acatar a nossa decisão...

Tá bom! o dia já esquenta, estou com fome precisamos decidir logo esta situação...

Decidir o quê? Está decidido! Receberemos os nossos visitantes...

B. pense que eles aceitarão suas desculpas por abaterem as naus, pense? Espere pra ver!

Não me preocupo, quero aquela dama e o resto exploda...

Lá tem um padre e tudo se acomodará...

Jane, Jane deixe de esperanças; quanto reverendos possui no mundo e, no entanto a merda é a mesma...

C. espere e verás!

Olhem! É o seguinte, sairei para colher o café da manhã. Estou com fome...

Irá sozinho? Bom! acho melhor ir... Em caso de ataques fuja para a mata...

Querida, gato possui sete vidas, sabia? E felizmente ainda tenho todas...  
Espere, C.! Olhem, lançam um bote nas águas... E é o padre que desce pelas cordas...

Ninguém é besta... Mandam o coitado do padre na frente... Que paraíso se meteu, hein? B., certamente este não será o paraíso... Eu irei, estou morrendo de fome... Jane, se vire com o padre e aproveite para melhorar seu latim...

Coitado deste padre, esta sem forças para remar... Ainda bem que o mar está calmo.

Jane, B. já vi este filme... Parece o *misterioso padre*.

C.! você às vezes parece idiota... Padres usam o mesmo tipo de vestimentas?

Eu tenho tempo para analisar roupas de padres?! Preste atenção B...

Querido, vamos recebê-lo...

O quê? Eu ouvi direito? A Jane chamando você de querido, hein, C.?

Uai?! Qual o problema?

Pode... Pode, é claro que pode...

Pessoal; deixem de papo furado, o padre logo-logo atingirá a praia.

O dia esta lindo... O céu limpinho... E, eu morrendo de fome.

Querido, pare de reclamar...

Ah!Ah! querido?!

O quê foi B.? esta com ciúmes?

Meninos, fiquem comportados na presença do padre...

Sim madame.

Madame é a mãe!

Meninos e meninas, "*fiqueem comportados na presença do padre...*"

B. vai tomar no c...

Relaxem...

Vai Jane, fale em latim... Vamos...

*O reverendo próximo de nossos heróis, tomando a palavra, surpreendendo todos...*

Bom dia... Bom dia... Bom dia senhorita...

O quê?! O reverendo sabe falar português?

É claro que sei...

Mas como?

Sabendo... Por quê estão surpresos, sabiam de nossa vinda?!

Peraí, peraí seu padre. Como o senhor sabe que fomos avisados de sua chegada? E outra, donde o senhor vem?

Calma garoto... Calma. A primeira pergunta sem respostas... É mistério...

Não venha com esse papo de mistério, é mistério ou o senhor esta nos enrolando?

Calma garoto, calma...

Reverendo o B. tem razão...

A final quem são vocês? *Pergunta o padre irritado*

Quem somos nós? *Os três perguntaram surpresos.*

É!

Acredito que isto não interessa ao senhor?

Como? Estas terras são dos senhores?

Apenas, padre, temos certeza que chegamos aqui primeiro...

Quem garante?

É o seguinte, quando chegamos aqui estas paragens estavam desertas...

Eu sei.

Como o senhor sabe? O senhor é muito sabidinho...

Gente parem! Senhor reverendo, eu sou Jane. Este aqui é o C. e aquele ali o B... somos pesquisadores e inexplicavelmente fomos transportados até aqui...

Pois bem senhorita, nada de nomes, mas vim dalém mar a serviço de d. João II e digo mais estas terras são nossas. Ou melhor da coroa...

Como? Pode repetir...

Quer dizer que isto tudo aqui é propriedade particular?

Exatamente.

Senhor padre, vamos com calma... O senhor sabia destas terras, de nossa existência e também que vocês seriam recebidos com fogo?

Bom. As terras nos conhecíamos e até firmamos um acordo com o reino dos aragões... O tratado de tordesilhas...

P. que pariu com esse tratado...

Escutem rapazes, fiquem em silêncio enquanto falo. Isto mesmo tratado de tordesilhas, conhecem?

Conhecemos...

Pois bem, a existência de vocês nós também sabíamos, através dos astros... E a única coisa que desconhecíamos é em relação a nossa recepção... Fomos recebidos com fogo, sem ressentimentos, os que morreram em combate foram apenas os traidores da coroa... eles em seus corações maquinavam coisas más... mereciam a destruição.

Mas, vocês estão armados...?

É sempre bom andar prevenido...

E agora? O quê o senhor fará com o resto da tripulação?

Passaremos alguns dias por estas bandas... trouxemos pintores para registrarem estes acontecimentos e em seguida rumaremos as Índias...

O caralho!

Ca-ra-lho?! O quê é... O caralho? *B. imediatamente com as duas mãos puxa a calça na ânsia de libertar o seu aparelho reprodutor sendo bruscamente repreendido por Jane.*

O caralho é o caralho!...vocês não arredarão o pé deste lugar...entendeu?

Por quê?

É o seguinte seu padre, quem manda aqui somos nós...

Mantenha a calma, B.

Tudo bem, seu reverendo, pode trazer o pessoal... ali tem um lugar seguro para montar as cabanas... *discretamente C. se afasta do grupo caminhando em direção a floresta.*

Seu reverendo. *B. calmamente:*

Agora falando sério... quem é aquela dama na proa?

Aquela é a senhora de pedro alvarez cabral... Por quê?

Merda... Nada... O pedro veio?

É claro que veio, é ele o capitão da esquadra...

Seu reverendo mande o pessoal descer... Vocês possuem mantimentos?



O nosso sal acaba...

Fique tranquilo, nos desenvolvemos uma maneira de extrairmos sal...

B. onde está o C.?

Jane, ele disse que iria buscar o *café da manhã*... coitado, morria de fome... o terceiro turno da guarda foi dele...

Sabe B. estou apaixonada por C.

Madame, dispense os comentários... os seus olhos dizem tudo... e o C. também está caído por você...

Será?!

Pare de frescura Jane, você é uma garota linda, nova e muito simpática...

B.! esta com febre? Você nunca dirigiu elogios a mim. O quê aconteceu?

Pare de brincadeiras...

Ninguém acredita em mim... é só falar sério que vocês pensam, *esta de brincadeiras*... nossa! Aquela dama é linda...

Não é para o seu bico.

Por quê?

Esqueceu que ela é a amada do Pedro?

Qual o problema? Que vença o melhor...

B. deixe de ser idiota, será que ela vai gostar de você? Isso que precisa saber ... depois disputá-la... ou melhor, conquistá-la...

Jane, aquele barquinho irá a pique com esse monte de gente.

B. o mar está calmo ...

Mas mesmo assim é perigoso...

Eles lançarão outro barco nas águas... eles estão em quantos?

Sei lá, mais ou menos umas cinquenta pessoas...

Cinquenta pessoas? É gente que não acaba mais...

Quero esse povo longe do Q.G....

Continuaremos com o revezamento da guarda.

A troco de quê?

Jane, Jane... qual é? Eles sabem que possuímos aqueles armamentos...

Sem problemas...

Se eles nos furtarem? Será o fim... Imagine, com apenas estes canhãozinhos fizeram um regaço na américa... com foguetes em mãos? Esse povo?! São loucos...

Quero os ver usarem nossos foguetes... Capazes de se matarem.

Não interessa... Nada de bisbilhotarem nossos equipamentos.

Jane iremos abrigá-los naquele lugar onde pernoitamos no primeiro dia...

Um lugar longe do Q.G. e ao mesmo tempo estratégico. Do Q.G. será possível vigiá-los. Seguros pra nós e confortável pra eles... Piscadela com malícia.

Ficou alegre...

Irei aproveitar destes babacas...

Como?

Oras?! dê uma olhada na cara deles... Possuem cara de bobo-da-corte...

Pegue leve B. ...

Quero conhecer apenas a dama... o resto! Ex-plo-da.. entendeu?

B. vamos... O primeiro barco chegara em breve... Mantenha a boca fechada, deixe que eu fale... E de lá, conduziremos eles para a lareira...

*Em pouco tempo o barquinho alcança a costa e os tripulantes são calorosamente recebidos por nossos heróis... Exceto C. Os tripulantes estavam felizes... Em seguida um segundo barco com apenas um tripulante é lançado ao mar. À embarcação alcançou a praia trazendo consigo o tripulante e o combustível da felicidade lusa, vinho. Vinhos franceses, realmente bons vinhos.*

Olá pessoal... Sejam bem-vindos... Sejam bem-vindos... Sejam bem-vindos... Sejam bem-vindos...

Jane! Chega...

B. fique quieto... Sejam bem-vindos... Eu sou a Jane! Olá pessoal... Sejam bem-vindos... Sejam bem-vindos... Eu sou a Jane! Este aqui é o B....

Hei gente, sejam bem vindos, em nossas terras...

Eu sou pedro alvarez cabral...

Ah... Você é o pedro... Muito prazer seu pedro... Eu sou o B. pesquisador de materiais do centro...

Pesquisador? O quê é isso?

Pesquisador é aquele cara que ganha dinheiro, quero dizer, pouco dinheiro... Para descobrir as coisas...

Que coisas?

Inventam as coisas... Quero dizer...

Ah... e a dama? Quem é?

A Jane? Jane também é uma pesquisadora...

Mas sem um braço? Se tivesse o braço ela seria tão bonita...

Qual o problema? Precisa ter braços pra ser bonita... Outra coisa seu pedro, acho bom o senhor pegar leve... Porque o C. ficará puto quando souber desse papinho...

Seu pedro, eu não tenho o antebraço mas consigo fazer tudo que desejo...

E tem mais sou muito feliz... Entendeu?

Viagens...

*O reverendo inesperadamente aproxima-se do grupo acalmando os ânimos...vai logo dizendo:*

O amigo de vocês clama por ajuda...

O que será que aconteceu? Corre B. vai ajudá-lo...

Calma...calma, muita calma neste momento. O C., com certeza, precisa de ajuda para transportar os alimentos...

*O B. sai disparado, guiado pelos gritos do amigo adentrando na floresta...*

O quê foi C.? levante rapaz.... quê sangue é este?

Aquela cobra ali me picou...

Cobra?

É... Está ai ao seu lado...

Caralho. Cadê? Achei... Putz, mais é grande...Peraí.

B. estou tonto... Tire-me daqui...

Calma C., calma... aqui, encontrei um toco...

Cuidado B...

Deixe comigo rapaz... Vamos lá garota, quieta... Fique quietinha... Vamos...

Receba uma paulada agora... E outra, mais outra sua filha-da-mãe... Pronto

C. serviço executado... Vamos cuidar desta ferida... Como você a deixou picar?

Puxei o galho e desceu tudo, frutas e a cobra... Parecia uma mola, caiu no chão e em seguida deu o bote... Acertando minha perna... Foi tudo muito rápido...

O problema C. é que pela anatomia da cabeça, este tipo de cobra é venenosa...

Merda...

C., consegue caminhar?

Negativo, minha perna esta adormecida.

Apoie em meu ombro... Consegue?

Estou tonto... Sem forças...

Calme... Farei um carrinho para transportá-lo...

B., pensas que é o magaiver? *Calme garota com tiras de pano farei um carrinho...*

Relaxe C., morre e ainda tira uma onda na minha cara?

B. eu estou mal...

Pronto... Deite sobre a camisa...

Lá se foi mais uma camisa... Daqui a pouco estaremos como índios... Só de tanga...

*Algumas horas depois...(1) – Um poeta encontrou uma pedra no seu caminho. No meio do caminho havia uma pedra... no meu caso, foi uma cobra. No meu caminho havia uma cobra... Não tinha intenção de perturbá-la, na realidade eu nem sabia de sua existência, ela sabia da minha... A primeira viagem foi alucinante.*

*Que sinal de alarme é este aí na P06?, Desconheço..., Digite ctrl s... aparecerão as imagens do satélite BSE01...depois aumente o zoom...*

*conseguiu?, Sim e estou preocupado, Porquê? São estranhos, Estranhos?, Sim... parecem caravelas, Caravelas? Quantas são?, Treze... estou maximizando as imagens... este monitor é compartilhado tente também visualizar as imagens, Qual é o ID dele?, É... deixe-me ver... Bb0025701, OK, Entrou?, Consegui... qual das imagens?, A terceira, Caramba é esquisito mesmo... são embarcações da idade da pedra, B., tentou contado com eles?, Fale sério C... Estão atravessando o oceano com uma embarcação de pau-a-pique e com certeza nunca possuirão sinais em radiofrequência, Tá bem... qual a localização deles ?, Trinta graus de latitude sul e quinze de longitude oeste, Qual a velocidade das embarcações? Quer saber muito... Certo?, Chame o satélite BSE05, Pra quê?, Conseguiremos uma melhor visualização da área, Eles adentraram em área sob nossa jurisdição, C. o quê diz a planilha? Tentar contato a todo custo... esse negócio de vigiar toda a fronteira marítima é um saco, Minha opinião... É até legal, Imagine a confusão diplomática ao abatermos estas embarcações, Então entre em contato com o coronel, Que coronel .. é assunto político... é preciso acionar o ministro da defesa, Aquele velho caindo aos pedaços... Grande coisa, Pouco importa se ele esta caindo aos pedaços o importante é sua decisão. Tá baum... Você é quem manda... Atento Jane... atento Jane, Jane na escuta, prossiga, Aqui fala B. da base de defesa... precisamos falar com o ministro de defesa, Aguardem alguns minutos e ele ligará na base... entendeu a mensagem... base da defesa, Ok... positivo operante, Ouviu C.? aguardar a ligação do dondoca, Tente visualizar os equipamentos dos navios, Qual o satélite de mapeamento estacionado nesta região?, É o BSE10, Às vezes o sistema fica lento, Você quer graça hein? processando varias imagens ao mesmo tempo e ainda compilando dados de entrada... Inexiste sistema rápido... achou? Maximize, Olhem ... Eles possuem canhões localizados na proa de todos os navios, Que desenho são estes nas velas?, Cruz...são cruzes, Ninguém é otário em atravessar o oceano com uns barquinhos de madeira sem levar na frente à cruz, O quê estes loucos desejam aqui no brasil, Comércio exterior meu caro, C. chame na tela o espião de reconhecimento, Porquê?, Enviaremos ele a estes babacas, Quanto tempo para atingir as embarcações, Quarenta*

*e cinco minutos, Rápido hein?, Ele é pequeno... esta é a grande vantagem, Libere ele, Calma... primeiro tenho que visualizar a câmera instalada nele, Me deixe tentar também... qual o endereço?, ER45, A câmera de bordo esta O.K. , Então libere imediatamente... ele possui falante?, Possui, Como funciona?, É só entrar na tela dedicada e digitar a mensagem desejada... antes de enviar é necessário especificar a língua... o preferencial é o inglês... mais o software possui várias outras línguas, Então especifique o latim, Porquê?, Saíram provavelmente da europa... com certeza de portugal... isto é coisa de português, Liberado ER45... câmeras ligadas... inicio de travessia, O.K. , O telefone foi acionado, Deve ser o velho, Base de defesa C. na escuta, C. aqui é a ministra da defesa, Ministra? É... o J.A. esta de férias... e, estou substituindo provisoriamente, Bom sra. ministra... o assunto é meio complicado... Pode falar C., Visualizamos em nossos sistemas de vigilância costeira... treze embarcações oriundas da europa invadindo as águas sob nossa jurisdição... Sem sinais com as embarcações... enviamos o ER45 para anunciá-los que estão em águas brasileiras... somente daqui a mais ou menos quarenta minutos teremos respostas... então queremos saber o seguinte: Vamos abater as embarcações?, C. é o seguinte ... aguarde mais uns minutos que entrarei em contato com o sr. presidente da republica e ele decidirá sobre este assunto, Positivo... a base de defesa agradece, Merda... merda e merda... ninguém resolve nada neste país, C. imagine se este fosse um país de terceiro mundo... portugal por exemplo, B. Estaríamos fritos... você perguntou qual o nome da ministra?, Não. E se for um trote... tudo é possível, B. pare com pessimismo... Preste atenção no ER45, Faltam ainda mais vinte e sete minutos para atingir as embarcações, O.K., Sinal telefônico, Base de defesa B. na escuta, B. aqui é JS do departamento de sismologia da UFdRJ, Que manda garoto, B. é o seguinte... nossos aparelhos detectaram um abalo no oceano atlântico, No oceano atlântico?! Sim, Qual a magnitude?, É quatro-ponto-cinco na escala Richter, Quais os efeitos colaterais, Poucos... pode-se aumentar a altura das ondas na costa, Então temos que avisar a defesa civil... qual a velocidade das ondas? É justamente isto que gostaria de saber, Aguarde um instante... C. tente*

descobrir a velocidade das ondas no oceano atlântico, Em que posição?, Qual a posição do abalo JS?, trinta e cinco graus de latitude sul e dezesseis de longitude oeste, Fala sério homem?, É claro que sim, Merda... merda...merda, Qual o problema? Em outra oportunidade te conto, B. o fluxo marítimo na região é de setenta e cinco quilômetros por hora o vento é estimado... em cento e cinco quilômetros por hora, Entendeu a informação JS? Positivo, A base de defesa agradece, C. talvez perderemos o ER45...a velocidade do vento esta alta... tente a localização dele... a câmera de bordo, Aqui esta... oscila bastante às imagens... ele esta próximo do epicentro de abalo... reage bem as investidas dos ventos, As embarcações como estão... com certeza irão a pique, Talvez... as imagens do BSE10... Nada... As embarcações estão estáveis, Como C?, Também não sei como ... visualize as imagens, É realmente estão vencendo as ondas... como?!... muito estranho, Sinal de telefone, Base de defesa... C. na escuta, Aqui quem fala é o vice-presidente, Vice-presidente?!... do corinthians?, Rapaz o vice-pre-si-den-te da re-pu-bli-ca... entendeu?, Claro... perfeitamente, Qual o problema ai na base?, Sr encontramos treze embarcações em águas sob nossa jurisdição e estamos sem contatos... o quê faremos? É ... realmente é um caso sério... qual a origem destas embarcações?, Provavelmente de portugal, Sem bandeiras?, Apenas alguns desenhos nas velas, Como nas velas?, Sr as embarcações são de madeira, Como?! de madeira... você esta de brincadeiras garoto, Não Sr... mandamos o ER45 para contato com os tripulantes... Pode ficar sossegado Sr... temos um maremoto na região, O quê ?! Maremoto?! Ficou louco?, Calme Sr... esta informação é originada da UFdRJ... captamos apenas alterações na velocidade do vento, Olha... toda esta história é muito estranha... falarei com o presidente... apesar de interromper suas férias... mas é assunto de emergência, C. consegui sinal do ER45... ele atingiu as embarcações... a reação dos tripulantes é de desprezo... e posicionaram os canhões para abatê-los, O.K... aumente a altitude de voo do ER45, Positivo, Sr vice-presidente... atento Sr, Na escuta base, Sr devemos abater as embarcações?... aguardamos uma posição dos senhores... para o disparo, Mantenha o ER45 posicionado... de tal maneira a conhecermos todas as

movimentações da tripulação... e aguarde alguns instantes... ligarei com uma solução concreta, Positivo Sr presidente, Vice-presidente com muito orgulho, Desculpe Sr... a base de defesa agradece, Merda...merda... merda... um botão apenas ... destruiremos todas as embarcações e esses... esses... esses idiotas ficam enrolando, Imagem do ER45... imagens quentinhas... olhem os tripulantes, O quê é isso?!, Fazem amor, Amor?!.. esse povo é louco, Louco nada... faça amor e não guerra, Que eles vão à merda... destruiremos apenas uma embarcação, Calme... imagem do BSE10... esse povo é louco... deve estar o maior frio... e todo esse povo pelado. A velocidade do vento abrandou... caiu para noventa quilômetros por hora, C chame o ER45, Positivo...as imagens do ER45 na P07... baixarei o ER45, ER45 aproximando... numa velocidade de trezentos quilômetros por hora, Cuidado ... Mantenha distância da embarcação ... O povo faz amor, Em qual embarcação?, Somente uma esta tranquila, O ER45 possui algum equipamento de defesa?, Possui mas é fraco, Qual o calibre?, Ponto cinquenta, Efetue um disparo... Antes faça um aviso, Em latim?, Não... faça em português, Mensagem enviada... imagens do ER45 na P07, Qual a reação deles?, De espanto, Sinal que entenderam a mensagem, Mas continuaram a avançar em direção da costa, Dispare, Sinal telefônico, Base de defesa B. na escuta, B aqui é a mulher do SR PRESIDENTE, O quê?! mulher do SR PRESIDENTE, SIM... qual o problema?, Nada ... Mas precisamos do SR PRESIDENTE, É que ele esta dormindo.... Impossível acordá-lo, C. por favor faça um disparo, Base... BASE...Atenção BASE, Base na escuta, Eu ouvi bem?... Você autorizou um disparo?!, Apenas um tiro, Nada disso... o nosso país é de paz... aqui nós fazemos amor e não guerras, O que a senhora diz?, É isso que o sr ouviu... fazemos amor e não guerras... B. sem disparo, Como não?! Numa das embarcações tem uma linda mulher... Linda, ela esta na proa do terceiro navio... contando da esquerda para a direita... e... esta acenando, Como acenando?!, Olhe no monitor P06, Mas o satélite esta estacionado na estratosfera... como ela sabe da filmagem?, Uma boa pergunta... sabe, não me interessa...ela é simplesmente linda...ela acena e sorri...como é linda, Atenção base...B, da Base de defesa...atento, B. na escuta!, Sr B. quero reiterar minha



posição...é inadmissível qualquer ataque contra as embarcações, A Sra quem manda... o presidente acordou?, Faça sua função que do sono do SR PRESIDENTE cuido eu... ouça a minha opinião... Nada de ataques as embarcações... passar bem, C. deixe de frescura e faça um ataque preventivo... utilize a ER45...vamos, Não posso... aquela dama é linda... ela acena a todo instante... utilizei o recurso de zoom...mas os pixels são insuficientes para a nitidez da imagem .. mesmo assim é possível observar sua beleza, C. então ataque outra embarcação, B. porque você quer liquidá-los?, Quero apenas exercer minha função... proteger as fronteiras do meu país, Deixe de bobagens... qual o problema que estas embarcações de madeiras podem gerar a nós?, Sinceramente não sei... , Então... B. fiquei apaixonado, Como?! Você mal viu a garota...Eu sei, mas o coração fala mais alto, C. preste atenção: apenas um disparo, Calme B....olhe as imagens ... imagens do BSE10 na P06... parece que o abalo afetou a ultima embarcação, Qual?, A ultima da direita, Maximize... para melhor visualização... lance as imagens na P07..., Mas qual a velocidade das correntes?, Vou chamar o ER45... velocidade do vento ... estável em noventa e cinco quilômetros por hora a velocidade das correntes marítimas estimado em mais ou menos cento e quatro quilômetros por hora..., Imagem da BSE10... embarcação adernando, Qual a reação das outras embarcações?, Por incrível que pareça é de indiferença..., C. aproveite e faça um disparo... somente para visualizarmos a reação deles..., Não posso... a garota continua acenando, C. desgrude os olhos da garota e observe o P06 ... a embarcação esta totalmente submersa... uma a menos... Sinal telefônico, Base de defesa C. na escuta, C. aqui é a secretária do SR PRESIDENTE, Se-cre-tá-ria?!, Sim... Qual o problema?, Olhe garota... são muitos os problemas... estamos sendo atacados e precisamos de uma decisão do SR PRE-SI-DEN-TE... entendeu?, Claro que sim meu amor... querido... faça amor e não guerra, Quem quer guerra?, Vocês... numa das embarcações... esta uma garota acenando... certo? Como sabe?!, importa...? então, faça amor com ela, Como?, Você esta muito tenso... olhe, relaxe, Sra SECRETÁRIA... Estamos sem tempo... posso destruir as embarcações?, Querido ... isto é irreal... é apenas um game... o

*B. não fez o aviso, você foi contratado apenas para testar o game ... nada mais., B. você ouviu o papo desta garota?... ela ficou maluca, C. é o seguinte a garota tem razão, Como a garota tem razão... e estes monitores e estas mesas especiais... eu recebi treinamentos para trabalhar aqui... na entrada passei o crachá...e você vem me dizer que isto é um jogo?!, São apenas simuladores, B. não acredito.... vou efetuar o disparo, Tente, E este pessoal que falei... a mulher do presidente o vice-presidente... Querido... atento base...C. na escuta, Sem ressentimentos com o seu amigo... era apenas uma estratégia da empresa para testar o grau de realidade virtual... O caralho, Querido ... a vida também é um jogo... tente destruir a garota que acena... mas lembre-se você apaixonou-se...B. o que fizeste?! Você me tratou como otário, Calme... você terá sua participação em dinheiro, Enfie este dinheiro no seu r..., Atento base... atenção C. ... querido mantenha a calma... cuidado para não morrer... tome este remedinho, Onde você está?, Aqui na sua frente, Sou a garota que acenava da embarcação, Você é linda!...cadê o SR PRESIDENTE? Falarei com ele?, O SR PRESIDENTE ainda dorme... igual você, descanse querido.*

*Algumas (muitas) horas depois...(2) a segunda viagem...*

*A convulsão de cores e corpos, a predominância do alaranjado e suas correlações saturando as demais cores . Tingiam os corpos, as luzes tinham apenas um papel secundário, naquele cenário de corpos dançantes e suspensos por cabides. O ritual se complementava pelo som de batidas*

*cíclicas, constantes e metálicas. Sons, cores e corpos formavam uma massa homogênea e fluida, capaz de preencher todos os vazios do ambiente. O sangue que fluía nas minhas veias fervia, transmitindo ao mundo exterior uma sensação de fogo, me expelindo ao meio da massa. Cores e corpos. Sobre todos os corpos e cores sobressaiu uma criatura, a mais angelical possível, sorriu... Veio ao meu encontro e conduziu-me ao interior da massa de corpos. Comecei a flutuar tal a sensação de segurança que senti ao lado da angelical criatura. Deixei rolar. Fogo, corpos, cores e agito. A festa. Observei que aquele balaio de cores e corpos, eram limitados por um círculo de árvores. Tentei raciocinar, ou melhor, localizar tal ambiente. Porém a angelical criatura começou a massagear meus nervos e refreou minhas reflexões. Tentei corresponder às carícias... não encontrei seu corpo, quero dizer não senti o seu corpo. Enxergava, mas sem apalpá-lo. Diante de todo o meu espanto e esforço a angelical criatura divertia-se. Observei meu corpo, apenas a silhueta, os outros corpos a mesma coisa, todos flutuavam na massa de cores e som. Assim entrei no clima dos corpos ausentes e diversão. Muita diversão. Uma vez envolvido pela massa de cores e sons, o corpo em si, passava ao segundo plano. Importava a face, sua real faceta, beijei a angelical criatura e senti todo o meu ser esvaziar. Muito tesão. O seu rosto era revestido por uma fina camada de sonhos dando um toque jovial na obra. Porém, em pouco tempo, esta sutil proteção facial, já era, decorrente do constante atrito de cores, corpos, suor, o suficiente para rompê-la... Libertando a real cara dela. Assustei. Fiquei totalmente atordoado... tudo começou a girar sob os meus pés, cai. Vencido. Relocado nesta nova posição, humilhante, com os anos perfurando minha face Ali representados pelas fagulhas de rochas gélidas e ásperas... aglutinadas pela ação da mãe natureza. Olhei. Primeiramente ao horizonte. Nada enxerguei. Apenas vultos de pés que dançavam freneticamente no meu nariz. Girei a cabeça. Olhando a cima. Em direção ao firmamento. Também nada enxerguei. Tudo alaranjado com o fundo negro. Tristemente comecei um giro com a cabeça procurando a posição inicial e neste movimento consegui enxergar algo. Encostada numa das árvores, limitadoras do ambiente, um rosto conhecido. Jane. Com a face avermelhada e cingida por*

dolorosas lágrimas... olhava-me. Clamei por socorro. Em vão. Ficou indiferente. Novamente pedi clemência. Livrando-se do ego, Jane, correu ao meu encontro. Abrindo caminho entre os corpos dançantes, Jane, me alcançou. Senti suas lágrimas quentes e dolorosas. Tive pena. Com muito carinho levantou-me. Caminhamos em direção as árvores. Quando saímos da arena e sentimos em nós a liberdade de outrora... Jane beijou-me. Fechei os olhos para beijá-la. Sensação de liberdade proporcionou aquela escura imensidão... sob os meus olhos. Beije. Abri os olhos, e, espanto... tudo girava ao meu redor. O teto do Q.G., ou melhor tudo girava... senti a fúria do álcool percorrendo os labirintos das minhas entranhas. Delirava. Conforme acostumava com esta nova situação, as pessoas ao meu redor foram ganhando contornos, ou seja, ficaram pouco a pouco nítidas. Jane. B. A moça que acenava da embarcação... era realmente uma angelical criatura. Incrível. E os invasores. Ela fazia parte dos invasores! Vagarosamente senti o desespero estampado naquelas faces. Foi ai que redobrei a memória. Estava envenenado. Além destas viagens descritas, que no período de delírio ficaram armazenadas na memória, outras imagens também povoaram minha mente... mas seria uma tarefa árdua descreve-las. Estes eventos estão como figuras, diria até que como fotografias... Devido o abismo entre nós, muitas não possuem imagens, apenas um vulto, queimaram... Outras exalavam muitas belezas dificultando a descrição. Ao todo, estas imagens e sensações gerariam uma pintura surrealista e desconexa.

C.

## Capítulo 2 - Metamorfose

B.! Venha rápido... Ele acordou... Hei C. tudo bem?

Onde estou?

Tente adivinhar... Olhe estas paredes... Estas redes... Olhe através das janelas... Onde você está?

Putz... Ainda estou aqui. O quê aconteceu...

Qual a sua última recordação?

Recordo do B., quando ele me tirou da mata... aaaah... Lembrei. Uma cobra me picou e depois o que recordo são sobreposições de imagens desconexas... Pessoas chorando ao redor da rede... você e mais uma linda senhorita cuidando de mim. E uma série de baboseiras...

Caramba eu pensei, que você nunca mais acordasse.

Você não mudou... Hein B?

Não?! com certeza você é cego... Emagreci. Anos de dieta, consegui aqui em pouco tempo...

O meu corpo esta doendo... Parece que estou nesta posição há muitos dias...

Pouco C., mais ou menos uns vinte dias...

Jane, tudo isto?!

Sim meu caro...

E o que mudou por aqui nestes vinte dias? Vocês criaram alguma solução para fugirmos deste lugar? E os invasores?

O B. explicará melhor a respeito dos invasores...

Por quê?

Porque ele visita periodicamente a Vila dos invasores...

Vila?! Os invasores construíram uma vila? Sinal que pretendem permanecer aqui por muito tempo.

Na realidade são poucas casas... Mas a danadinha da vila ficou bonita, certo B.?

Sabe o que acontece C.? eu estou louco pela senhorita... lembra? Aquela esposa do cabral... Aquele metido... aah...sei!

Insuportável à cara dele... Realmente ele é muito antipático... A primeira vez que eu o vi, veio falando do meu braço... Grande idiota.

Então B. Conseguiu alguma coisa com ela?

C. o jogo da conquista é um processo demorado...

Jogo da conquista, hein B?! o jogo do adultério é demorado...

Calma lá Jane. Não é bem assim... A senhorita precisa confiar em mim. E isto exige tempo, entenderam?

Então a coisa por aqui esta bem evoluída... Ótimo! retornei para colocar ordem na casa...

Hei C. ia esquecendo... O cabralzinho é apaixonado pela Jane, e outra coisa... Tudo aqui era o "C."... Coitado, a comida procure o reverendo, peça remédios a Helena... Eu fiquei quase louco. O dia todo ouvindo C., C., C., C., C.,

B. eu retribuirei todo o carinho e atenção que vocês me deram, mas agora me digam... Quem é Helena?

C. não te interessa...

Como? Ela também merecerá minhas retribuições...

C. a Jane tem ciúmes dela...

Mas quem é ela?

A mulher do cabrazinho...

Ah... Entendi.

C. você precisa andar e respirar um ar fresco... Vamos, apoie no meu braço e tente levantar...

Calma aí B., ele ainda esta sem se alimentar. Espere-me trazer algo para ele comer...

Ontem ele comeu?

Comeu.

Então, já é o suficiente...

B. deixe de loucuras...

Observou como você virou um reizinho aqui dentro... Aqui dentro não, nestas bandas, porque o pessoal da vila fazia uma via crucis semanalmente

para visitá-lo... Sem contar o reverendo e Helena que o visitavam diariamente.

Sem saber fiquei importante... hein B.?

Deixe de falar e coma... Preciso tomar um banho...

Sabe C. estes dias eu falei a Jane... é o seguinte, eu gosto deste lugar e ficarei um bom tempo...

Aqui é o paraíso B.?

Negativo... Mas se aproxima...

Pronto... Jane tome a tigela... Aliás, quem fez esta tigela?

Adivinhe... Vamos C., adivinhe... É claro que foi a Helena. Ela ensinou o processo de fabricação para Jane.

Ficou bom... Pessoal me ajude, quero caminhar. Então realmente voltamos no tempo?! Alta idade média?

Mais ou menos...

Segure no meu braço e desça da rede... consegue?

Vou tentar... nossa, minha costa ficou dolorida...

Isso agora jogue os pés... pronto, força... isso aí... vamos devagar, por aqui.

*Lentamente nossos heróis deixam o Q.G., caminham até atingir a praia, da bahia de Guanabara, de tempo em tempo, B. para a caminhada e gira a cabeça na procura de alguém. Nada encontra, abaixa a cabeça, reposiciona o apoio do braço no amigo e continuam...*

C. quero aproveitar a ausência da Jane e te explicar alguns acontecimentos... bom, é o seguinte. Eu amo Helena... Jane e você sabem... Certo? Aproveitei o máximo sua enfermidade... sabe como? Todos os dias Helena ia até o nosso Q.G para ajudar a cuidar de você... então eu tinha oportunidade de conversar com ela... Ela chegava, pouco tempo depois, aparecia o cabralzinho. Tinha como pretexto buscar Helena... ele queria mesmo era *chavecar* Jane. Ele é apaixonado por ela... às vezes também eu visitava a casa de Helena, a desculpa era buscar remédios para o "C.", bom, isso pouco importa. O problema é... Helena dispensava muita

atenção a você, meu caro C., de modo a despertar ciúmes em Jane e em mim. O cabralzinho gosta de Jane, e ela nada... Helena é casada com o cabralzinho, pelo jeito, não gosta dele... E Jane ama você... pra você ter ideia do rolo... até o reverendo desconfiou disso... e naqueles sermões dominicais... sabe?, desconhece? O reverendo ministra todos os domingos uma missa... pois então, num desses rituais ele desceu o pau em nossas atitudes... ele foi curto e grosso... adultério, promiscuidade é inadmissível aqui... e em qualquer outra parte do mundo, é pecado!

Deixemos o tempo reger nossos sentimentos... Ele é mais justo. Agora, você... Meu querido ficou praticamente o tempo todo falando asneiras... O que falou? Você desconhece? E eu...? Cada hora era uma coisa... Delirava. Algumas histórias eram até interessantes... Teve uma: você era controlador de fronteiras. Eu recordo desta... você e eu vigiávamos a costa brasileira. Segundo o seu relato pegávamos as imagens dos satélites e controlávamos o acesso na costa via espaço aéreo e marítimo. Foi quando você anunciou que um dos satélites acusava invasores em águas brasileiras... estavam em treze caravelas... e dentro delas todos os tripulantes faziam amor... você dizia: "Não dispare B., tem uma linda garota acenando pra mim..." e neste dia, do seu relato, o cabralzinho estava lá no Q.G... derepente você começou a xingar os portugueses... É possível imaginar a cara que o cabralzinho fez... foi muito engraçado. Quero dizer... o seguinte, o mais importante é que você esta bem. Agora, como as nossas opiniões divergem... Isto gera um problema entre nós... Como assim? Não entendeu?! As nossas opiniões são divergentes... Quer um exemplo? Eu pretendo permanecer por aqui mais tempo... e você?

Sabe B. as pessoas dão muitas asas aos pensamentos e julgam o outrem demasiadamente... Assim sofrem precocemente... Apesar de recordar de poucos fatos, durante meu estado nostálgico, tenho a certeza que mudei muito. Porém meus pensamentos diferem do que você acha...rararararara! Entendeu? Simplesmente mudei... Por exemplo você acredita que nossos pensamentos divergem, e eu diria que em algumas situações eles até se sobrepõem... Na média eles se divergem. Isto não implica que conheces os meus pensamentos em sua totalidade... Em partes, quer ver?! Olhe, eu



detesto estas monótonas paisagens... Mas sem pretensões de retornar para o meu lugar de imediato, sei que primeiro, preciso mudar algumas coisas por aqui. E, ai sim, retornarei. Porque certamente encontrarei nossa sociedade diferente... para melhor.

C. ficou louco?! Pelo jeito mudou pra pior... Acreditas que voltando no tempo podemos alterar nossas posições atuais? Aaaah... Capitei sua mensagem... V-O-C-Ê quer eliminar todos os invasores?

Exatamente... Pacientemente... pouco-a-pouco. B., nossas vidas esta condicionada ao que efetivamente fazemos. Independente da posição temporal... se for o passado, o presente ou o futuro... independe. Não podemos deixar a vida ser um acumulo de erros, devemos mudar. M-U-D-A-R. Compreende?...

Não!. Somente o futuro dirá se erramos ou acertamos... mudamos hoje pra saber o efeito da mudança amanhã... E ai C. o que me diz? Como saberemos o futuro? Ou você quer dizer, águas passadas movem moinhos? Quase isso. A vida do homem é como um jogo de xadrez... Os efeitos de cada jogada são perfeitamente previsíveis.

Se prever fosse fácil, o jogo terminaria empatado...

Nada disso caro colega... vence o mais paciente. Aquele que pacientemente espera. Assim é a vida... simples. Precisamos de paciência e consequentemente mudaremos o curso natural da história.

Conseguir entender... Evidente que sem convencimento. Oras... Explica toda a metafísica através de duas palavras... O quê em milhares de anos ninguém conseguiu, vem você e pumba: explica. Impossível... impossível.

Caro colega... Lembre-se: paciência termina em mudanças.

Realmente você mudou... deixou a pesquisas exatas para ser um filósofo... quando for possível voltarmos para os nossos, você deveria montar uma nova religião... afinal, fala tão bem. *COM VOCÊS BISPO C.! Obrigado, Obrigado...* "Caros amigos e colegas devemos ter: paciência para efetuarmos mudanças significativas..." ou ao menos escrever livros de autoajuda... Responda a pergunta mais importante pra mim. Quer a Jane ou a Helena? Antes de responder... Calma. Preste muita atenção... Eliminar a Helena... Junto com os outros invasores?

Ela é invasora?

É! Mas... É gostosa.

Mas, mas o quê... Nada me interessa... é invasor? Será eliminado! Simples...

Esta louco C.? desperdiçar uma carne daquelas... Sei que você... Helena ou Jane?

Você diz como se as duas fossem... Diria objetos. Algo passível de escolhas... Você ouviu dizer em coração? Sentimentos? Eu tenho coração e respeito os meus sentimentos como também os dos outros... Aliás, além de respeitá-los sou conduzido por eles...

C. deixe de ser chulo... Parece *boiola*... Mulher deve ser avaliada pelas curvas e o tesão que proporciona na cama e nada mais... Como é ambíguo! Há pouco extremista; mata-los sem dose de piedades. Agora: respeitar sentimentos?! Vê lá...

Discordo. Primeiro, desconheço Helena. Segundo, ela é uma invasora...

Então tenho uma chance... o seu sentimento pode declinar para a Helena, e, todos os invasores serão poupados...

Quem sabe? Quero deixar claro, nada desviará do meu objetivo! Entende? Outra coisa, a beleza de uma mulher reside em sua sensatez e que geralmente vem acompanhado de autenticidade. Que se traduz em simplicidade de vida...

Você virou *boiola* ? Vai, desabafe...

B. o que pensas da vida? Estás no paraíso?... Qual o motivo de toda esta vulgaridade?

C. qual é a sua? Você fala coisa com coisa... Hora fala de assuntos filosóficos, sem sequências, começa a falar das garotas... e depois quer dar sermões... os remédios ainda fazem efeitos...

Deixe de tolices... Apenas respondo suas indagações... E para encerrar este assunto. Nada mudei... Sempre quis destruir os invasores... É verdade que me faltou coragem...Somente filosofei um pouco...

Pronto! Mudou de assunto novamente... vamos caminhar, quem sabe refresca sua cabeça...

### Capítulo 3 - Vila

Fiquei abismado ao conhecer a Vila... Os invasores aproveitaram uma pequena faixa de terra, ligeiramente inclinada, entre a praia e as montanhas, preenchia toda extensão da baía dos porcos. E construíram um conjunto de casas. Dispostas em círculos, tangenciadas por um riacho de água doce e cristalina, as construções seguiam o padrão arquitetônico europeu. Utilizaram como material construtivo terra misturada com água, depois de muito amassar, este material tornava pastoso e fácil manuseio. Esta massa servia de cola para os blocos de rochas, utilizado na construção das paredes, o conjunto de casas ficou bonito interagindo com o ambiente. Portanto em meio aquele cenário predominantemente verde, despontava, e em destaque, uma lacuna marrom-avermelhada. A Vila. Bonita. Ela... Ficava mais ou menos uns duzentos metros do Q.G., falar em metragem em tais circunstâncias seria um absurdo, mas, diria que umas duzentas e quinze passadas cobria esta distância. Considerando a travessia do riacho... o divisor entre dois mundos. Sugestão de Jane o local para construção da Vila aos invasores... estrategicamente era ótimo para nós. Para nossa segurança. Conseguíamos observar toda a movimentação deles sem sairmos do Q.G. Pelo número de habitações é difícil quantificar... aldeia, vilarejo?! Vila, é um nome mais charmoso... Ao mencionar, Vila, tenho uma pálida recordação, mas o suficiente para me contagiar... magicamente passo a viver um "passado" delicioso. Lentamente sou transportado a uma Vila... ela fica incrustada num vale, cercada por lindas montanhas, transpassada por um riacho de águas verdes que alimentava vários poços... que por sinal também verdes. Poucas casas, muitos hotéis e pousadas. Apenas uma rua, mas o suficiente, para alimentar toda as imediações da Vila. Logo na entrada as margens desta rua, um parque de águas termais... redutos de jovens, ambiente proibido para menores de sessenta anos. Revestido por um jardim verde e bem tratado. O cartão postal da tal Vila. Fiquei num hotel, tipo hotel fazenda, que para alcançá-lo era necessário deixar a rua principal e cortar todo o jardim do parque termal. Transpor as pontes sobre o riacho de águas verdes e subir uma pequena ladeira. Algo

impensável após as fartas refeições servidas na região. No hotel tudo era convencional exceto... O restaurante. Com sua janela voltada a um talvegue, fundo de vale, mesmo assim era possível observar toda a encosta e também várias vacas pastando e salpicando de branco o verde revestimento das montanhas. No crepúsculo pairava no ar aquele cheirinho de roça, expelida dos fogões à lenha, havia uma pausa no ar... anunciando o jantar. Ao dormir o riacho de águas verdes que passeava livremente aos pés da janela do quarto, emitia canção que acalentava o sono. O esquema era... dormir até tarde. Curtir o frio. Rolar na cama e dar muito beijo na boca. Portando reitero; Vila é um nome muito charmoso. Eu até acho a Vila deles, dos invasores, charmosa... Com a construção da tal Vila, o colorido sonoro sofreu alterações consideráveis... A predominância da sinfonia marítima regida incansavelmente pelo vaivém das ondas, pouco-a-pouco cedeu lugar aos estampidos metálico e cortante dos machados, martelos... Harmonia dissonante e ia decrescendo, conforme a noite de negros dedos emanava sobre os verdes das matas, desembocava num pianíssimo suave noite adentro transformando tudo em harmonia consonante perfeita, assistida pelo céu estrelado e afinada à altura do diapasão dos deuses... Um espetáculo. Várias vezes, horas a fio, sentado na nossa sacada e observando a movimentação dos invasores na Vila, ficava extático... Algo interessante me obrigava a observá-los. Às vezes o desenrolar das cenas, na Vila, era coberto pelo manto sedoso e cheiroso da noite de negros dedos, impedindo minha visão. Ficava triste. Aos poucos os invasores implementavam melhorias na Vila com o intuito, acredito, de facilitar a vida naquelas bandas. Abrindo um parênteses na descrição quero comentar sobre, um equívoco... Nossos antepassados ao saírem das cavernas sendo açoitados impiedosamente pelos raios solares, assustaram, imediatamente sentiram a necessidade de se agruparem, criando uma mútua proteção... a pior merda inventada por eles, forma "estruturada" que nos perseguem até hoje e é inútil tentar a liberdade desta condição. E mais, durante toda a história da humanidade, desde o primeiro agrupamento humano, as cidades surgiram ao longo dos cursos d'água, salvo raríssimas exceções. Nesta Vila nada diferente, agrupamento de pessoas (muita confusão) e um riacho

tangenciando o conjunto de casas, como estavam dispostos em círculos, no interior dela uma praça, um centrinho... Servia apenas para os invasores fofocarem... *viu o fulano? Não saiu para caçar hoje... viu o bertano? Nada de desbravar o território...* Assim após a primeira chuva vivida em território tropical, o centrinho da Vila ficou semelhante a uma lagoa, algo intransitável. Ao surgir o sol sobre as montanhas, depois da tempestade a bonança, os invasores trataram logo de calçar de pedras o centrinho ... evitando futuras inundações. Ficou bom. Os lusos são até espertinhos, criaram uma solução interessante para transportar a água em desníveis, processo rudimentar aos nossos olhos... Mas válido. Com essa invenção tinham água praticamente dentro de todas as casas. Eles eram incansáveis. Desassossegados... todos os dias uma turma dos invasores saiam para desbravar o território... nas entrelinhas deduzi que eles estavam atrás de ouro. Ouro, a destruição do gênero humano... Um bem julgado importante por todos, certamente se tornará escasso e sem dúvida motivos de discórdias... Alimentos, dinheiro (ouro), mulheres... sempre mulheres, se não fossem as mulheres!? o que seria da humanidade?. eu digo, mulher com toda a sua beleza, simpatia, delicadeza... e... curvas! Atualmente. Como é difícil a utilização desta palavra. Atualmente!? Inexiste aqui qualquer referencial de tempo. A sociedade da minha época... século XXI, vivia em função das mulheres, ou melhor dos prazeres carnis... o homem se mata para adquirir algo, dinheiro, e com isso mostrar o seu poderio para o sexo oposto ou seu desejado e conseqüentemente conquistá-lo... Nem sempre nominado: sexo oposto. É... Os tempos mudaram... concluímos que através do poder, adquirido de n maneiras e até pelo uso da força, o homem busca unicamente a satisfação do seu libido. Considerando o enorme intervalo de tempo entre estas sociedades analisadas. A minha, século XXI... E esta na qual vivo atualmente... São a mesmice de sempre: A busca sem fim para a satisfação do libido pessoal. Incrível! Atravessaram o oceano a troco de quê?! Inicialmente o convívio, entre os invasores, na Vila era amistoso... mas com o passar dos dias as boas maneiras foram deteriorando... Qualquer individuo sentindo-se acuado tentará defender-se... Mesmo se for necessário o uso da faca, dos dentes...

Porém o tempo em movimento contínuo e sem perspectivas do descobrimento de pedras preciosas... A estrutura social dos invasores ficou aos frangalhos. O centrinho virou palco de disputas sangrentas, para o desespero do reverendo... Surpreendentemente num dia houve plebiscito e o assunto em pauta era; designar uma tropa para desbravar o interior do continente. Fiquei pasmo. Os lusos eram realmente corajosos... vencer aquelas enormes montanhas que protegiam o continente do avanço dos mares era algo impensável... dadas às previsões e equipamentos que possuíam. Eu sabia perfeitamente, as intempéries do caminho seriam o suficiente para dizimá-los. Mesmo porque, sem adentrar o continente, as baixas sofridas pelos invasores eram preocupantes e quantificadas pelos mórbidos amontoados numa pequena casa na extremidade da Vila, mas, fora dos círculos de casas. É desnecessário descrever o resultado do plebiscito. Porém estando a tropa na saída da Vila e preparada para partir... O reverendo proferiu uma passagem da bíblia, com o intuito de motivá-los, ninguém é tonto... no momento de medo e insegurança todos lembram de deus. A cena era típica do mundo corporativo no século XXI, onde uma pessoa dotada de muito talento verbal, fala palavras de ordem a plateia ávida... Frases idiotas, dependendo do nível da plateia... Ajudava. A vender produtos também idiotas. O reverendo fazia um teatrinho perfeito. Após o sermão cantaram música de ordem. Fiquei preocupado... Lentamente a tropa se posicionou em fila, encabeçada por um jovem montado num azalão... engraçado, foi a primeira vez que presencie um quadrúpedes naquelas bandas. Sai em disparada em direção ao grupo sem analisar as consequências do meu ato... Ainda ofegante (ainda fragilizado) mas decidido, alcancei o grupo, impedi o avanço do alazão para espanto do cavaleiro. Bradei em alta voz e bom tom: *Ficaram malucos? Onde pensam que vão?* Silêncio total, todos pasmados. Diante deste descompasso, me senti mais poderoso, o dono da situação e tornei a bradar. *Hein? Onde pensam que vão? Conhecem estas terras? Conhecem os perigos que ela apresenta? Seus idiotas... Quais as armas que possuem? hein? como combaterão os primitivos...?* Quando assistimos um evento, evento qualquer, cenas, esta posição de espectador nos condiciona a certo grau de

distanciamento dos fatos. Que é o suficiente para criarmos conjecturas a respeito do evento, às vezes, no desenrolar do evento moldamos mentalmente tudo que passa sob os olhos conforme o nosso peculiar desejo. Por outro lado, retirando este distanciamento, plateia verso cenas, passamos a vivenciar os eventos na pele, ou seja, em sua totalidade... A participação efetiva nas cenas provoca medo e sem trabalhar previamente, detalhe por detalhe da cena exaustivamente, estamos fadados ao erro... Ao ridículo. Foi o que passei, ridículo. Escutei apenas uma voz grave e irada... Virei o rosto para conhecer o dono da poderosa voz, e, senti um choque, perdi os sentidos... Impossível descrever, tudo foi muito rápido. Acordei com o rosto em chamas de tanto que ardia. Esparramado no chão, envolvido pelo orgulho e no meio da confusão de despedidas. Naquela humilde posição, observei a vila bem de perto, sem o distanciamento de outrora. Enriquecedor. A realidade nua e crua. Ausentes os adornos criados pela minha imaginação comecei a análise fria da situação dos invasores. Senti um aroma asco no ar... matéria orgânica em decomposição. Para ser mais direto; cheiro de merda e urina. Faces, pernas e ombros castigados pelo sábio silêncio.

São mais cruéis que os sulcos criados pelos anos de labuta. Ao fundo das casas do lado oposto ao riacho observei uma sequência de cruces encravadas no solo. Cemitério. E havia alguns animais revolvendo o solo ao redor dos sepulcros para alimentar-se dos mortos... Ali presentes. Continuei na ridícula posição, observando. Depois da refeição os animais se retiraram deixando a porta do Hades aberta. E um dos corpos estaticamente acenava em direção ao firmamento. Terrível. Remexi com uma das minhas pernas, sem dores, depois a outra, também sem dores; um braço, tudo bem, o outro, apenas uma dorzinha e nada mais. A face continuou a arder impiedosamente, continuei deitado... foi ai que observei a guarda do reverendo e uma senhorita ao lado do meu corpo. Imperceptível a presença deles. O semblante do reverendo era de regozijo, tipo: *bem feito!* O pior é descobrir: um sorriso encobre muita falsidade. A senhorita, muito bela, estampava na face preocupação. Estava horrorizada com a minha situação. Li em seu rosto. Mas permaneceu em silêncio. Dias depois descobri o seu

nome, Helena. Ali aos pés dos invasores me senti o cavalheiro da triste figura... Verdadeiro merda. Reconstituo o meu orgulho despreocupado com a presença deles esquadrinhava a Vila. Porém ergui o corpo sentando confortavelmente no solo. Ao efetuar esta manobra a senhorita tentou ajudar-me. Ignorei-a. Tinha o intuito de despedi-la, para observar a Vila livremente como um convidado e intruso. Impossível. A dupla tinha por obsessão a minha guarda. Ficaram horas a fio ao meu lado. Grande tolice da parte deles. De repente cai na gargalhada, sem motivos, garanto a sinceridade e nenhuma gota de sarcasmo. Os meus guardiães ficaram pasmados e perguntaram o motivo de tanta alegria... Como estava "feliz" não conseguia responder as perguntas... chorei de tanto rir. O quê foi? perguntaram finalmente. Fui curto e grosso. E respondi: Es-tou fe-liz.

Com sinceridade, apenas, esta pobre resposta discorri sobre o assunto. Prosseguindo. Apenas feliz... por encontrar duas forças, os extremos, agindo impiedosamente num mesmo lugar. O feio e o belo. Bela paisagem e horrível Vila... subtraindo toda a beleza desta terra. Uma pessoa repudiante... você, eu disse e apontei para o reverendo, retirando o brilho de uma flor. Apontei para a senhorita. Que imediatamente irradiou de vermelho. Ficou com vergonha. Mas o reverendo ficou putado. Assim automaticamente respondeu aos meus insultos. Não dei bolas. Apenas lembrei-o que deveria ser o exemplo vivo de misericórdia. Sentindo ainda o rosto em chamas levantei e sai em direção ao Q.G. Ao executar os primeiros passos senti falta de equilíbrio no corpo e imediatamente percebi as sequelas da aventura... Prossegui na caminhada. Chegando ao riacho, curvei o meu corpo no barranco de maneira às águas refletirem o rosto. Em vão. Com a dinâmica das águas apenas um vulto fora refletido e mesmo assim de coloração escura. Fiquei triste e ainda com o rosto em chamas. Exausto o rosto em chamas adentrei ao Q.G. A minha presença, ou melhor, o novo visual foi motivo de espanto para Jane e B. Nada melhor que os dedos para enxergar, através do tato, o que os olhos não veem... Como meus amigos ficaram preocupados. Passei a policiar toda a mudança na minha face. A face era lisa e homogênea, após o choque ela passou a uma flacidez dolorosa. Sem espelhos o sofrimento era menor. Assim a



visualização ficava ao encargo dos dedos... Nos dias seguintes passei a observar fervorosamente toda movimentação na Vila, ansioso para sentir o gosto das minhas previsões. Foi batata, poucos dias depois da saída da tropa, observei uma bandeira trêmula e vermelha a fluir por entre o verdes da mata e em direção a Vila. Ao desembocarem na plataforma que sustentava a Vila foi possível enxergar os condutores da tal bandeira. Eram um grupo de cinco invasores, dois carregavam um moribundo e os outros abriam a picada mata dentro. Segurei fortemente nas pedras para me conter. Estava louco pra saber o motivo do retorno precoce. Quando o grupo descarregou o moribundo no centrinho imediatamente foram cercados por toda a população da Vila. O reverendo foi o último a chegar. A base de cotoveladas mergulhou no bolo humano. Aquele burburinho de gente permaneceu agitando o centro da Vila por muito tempo. De quando em quando saia um, ou uma, envolto em lágrimas correndo na direção das casas. Silenciosamente à noite de negros dedos foi brotando do solo e lentamente alterou a gramática de cores do crepúsculo. Ficou escuro. E eu... puto. Perdi o desfecho daquele acontecimento. Passei praticamente toda à noite em branco. Sem descanso. Em meio ao som dos primeiros pássaros que saudavam o novo dia, escutei passos apressados em direção ao Q.G. Levantei a cabeça da rede e observei o reverendo aproximando. Ele estava com a cabeça curvada aos pés, caminhava rápido e pensativo. Saltei da rede e fui recebê-lo. Beijou a minha mão. Fiquei espantado, devido a este gesto, percebi a importância do assunto ou da notícia que trazia. Ele foi direto ao assunto, sem meias-palavras me avisou de sua intenção. Deixaria a Vila e seguiria ao encontro do grupo. Rapidamente e atando todas as minhas perguntas o reverendo emendou o motivo de sua repentina decisão. A tropa havia encontrado pedras preciosas e conseqüentemente encrencas. Houve desentendimentos entre eles e precisava de alguém para conciliá-los. Em seguida me instituiu o responsável pelos moradores da Vila. Ainda atando minhas perguntas e até mesmo a rejeição eminente o reverendo se foi. Assim uma mistura de cólera e alegria me percorreu, permaneci extático por muito tempo. O sol impiedosamente resgatou-me do mar de reflexões. Senti fome. Pensativo e caminhando lentamente me dirigi para a

Vila. O centrinho deserto, com o sol a pino, poucas casas estavam abertas, evitei a casa dos mórbidos e cortando a Vila na diagonal bati numa casa, ao acaso. Uma senhora, mulher bela, surpreendeu-me com recepção calorosa. Felicitava-me pela nova função dentro da comunidade. Achei tudo muito falso e lembrei, "por trás de um sorriso belo se esconde muitas falsidades". Imediatamente as objeções a respeito dela foram lançadas ao chão e despedaçadas. Aquela senhora era cega e neste estado, enxergava claramente no escuro... Perguntou-me como estava o meu rosto. Fiquei desapontado. Dissera também o quanto ficara penalizada ao presenciar a agressão a mim... Cada palavra proferida por ela deixava-me espantado. Nunca encontrei ninguém igual. Possuía habilidade enorme para manusear seus rudimentares utensílios domésticos. Minha garganta coçava sem parar, e perguntei o motivo da cegueira. Sem dramas e remorsos sua boca emanou uma narrativa tão sincera; fiquei totalmente hipnotizado. Era da linhagem real, contou-me não oficialmente: "seu pai um jovem rei batalhador, guerreiro e sedutor. Saiu com seu exército numa campanha contra um reino distante. Na metade do caminho foram surpreendidos pelos guerreiros inimigos e praticamente todos do exercito foram abatidos. Seu papai partiu em retirada e conseguiu escapar com vida... Ferido. No calor da batalha uma espada transpassou sua coxa esquerda. Ainda fugindo dos guerreiros inimigos adentrou num bosque com sua montaria. E depois de dois dias perambulando, perdido, pelo interior do bosque e sofrendo muito com a ferida. Quase a beira do fim, encontrou uma aldeia. A princípio ficou feliz para em seguida abater-se de tristezas. Desconhecia aonde estava acreditando ser aldeia dos guerreiros, mas entre morrer a mingua ou viver como escravo, para os inimigos, optou pela segunda possibilidade. Dispôs de suas vestes reais, da montaria e como forasteiro chegou-se até a aldeia. Notou que aquela aldeia pertencia ao seu reino e manteve-se como forasteiro. Um druida a exemplo de um bom samaritano o recebeu em sua cabana e imediatamente providenciou uma sopa e vestes limpas. No momento que o jovem rei trocava de vestes o velho druida observou a ferida na coxa esquerda. Sem indagações cuidou também da ferida. Estando limpo e bem tratado. O jovem rei despojou das boas maneiras

reais comeu fartamente e sentiu-se confortável na campainha do velho druida. Alguns dias depois e bastante disposto o jovem rei saiu para conhecer a aldeia junto ao velho, ainda manquejando, sendo apresentado a todos os aldeões. Engraçado; ninguém perguntou a origem do rei. Para ele a estada naquela aldeia começou a ser proveitosa... o jovem rei percebeu que um senhor roubava-lhe os tributos reais referentes à utilização das terras da coroa. Descobriu também a tirania exercida por este senhor aos outros aldeões. E sentiu a necessidade de penalizá-lo por seus atos. Mas como toda boa história, o jovem rei, teve a felicidade de conhecer a esposa do senhor leviano. Uma mulher graciosa, generosa e acima de tudo bela. O velho druida percebendo a melhora do jovem começou a levá-lo diariamente no bosque para a colheita de ervas. Assim o Velho druida ensinava as propriedades de cada uma das ervas colhidas e as melhores práticas de colheitas. Com o contínuo movimento dos dias o jovem rei sozinho fazia a colheita das ervas. Nestes momentos de solidão, o jovem rei, maquinava consigo maneiras de retaliar todas as transgressões cometidas pelo senhor aldeão. Portanto os pensamentos eram barrados pela imagem da bela senhora, esposa do senhor aldeão. Esperaria, concluiu; ainda estava limitado pela lesão e a curta convivência com o velho druida não havia germinado confiança mútua. Num certo dia... o senhor aldeão adoeceu. Quando o jovem rei recebeu a notícia imediatamente teve uma ideia... seria o prato cheio para executar os seus punitivos planos contra o senhor aldeão. Envenenamento. Desnecessário esforço, o próprio aldeão solicitou a presença do velho druida, com o intuito de receber algum emplastro e curar sua moléstia. Porém o jovem rei foi incumbido pelo velho de preparar a poção... Feito com destreza, depois acompanhou o velho druida na visita. E esperando por assistir a cena fatal. A casa estava repleta de curiosos, ávidos em presenciar a desgraça alheia, a linda esposa do senhor sentada na borda da cama e revestida de tristezas. Com a entrada da dupla todos saíram, deixando-os as sós com o enfermo e sua esposa. O senhor estava mal, o velho druida retirou do bernal o frasco (contendo a poção preparada pelo jovem rei). Pegou uma pequena xícara depositada ao acaso na cabeceira da cama e esvaziando seu frasco nela. Utilizando as

mãos, o druida, conduziu a xícara até próximo do moribundo senhor, parou o movimento, levou uma das mãos na nuca do enfermo e com cuidado levantou vagarosamente a cabeça dele, de maneira a facilitar ao enfermo a degustação do cálice mortal... Todo este ritual assistido pela linda esposa do senhor, o rosto do velho druida estava vestido de compaixão, vestimenta adequadíssima para a ocasião.

Os olhos do senhor aldeão brilhavam, ao tomar o cálice, seu rosto transformou em um mar de desespero. Lágrimas, gemidos e suores. Ainda em silêncio o velho druida depositou a cabeça do enfermo no leito proferiu algumas palavras indecifráveis e saiu. A linda senhora o acompanhou para em seguida retornar em prantos. O senhor aldeão com o olhar fixo no além gemeu e deixou a moradas dos mortais. Imediatamente nos dias seguintes o jovem rei passou a guardião da linda senhora. O defunto do senhor ainda estava fresco, mas desrespeitando as lágrimas, a linda senhora teve um relacionamento ardente com o jovem rei, e, rapidamente apresentou novidades. A barriga cresceu anunciando o primeiro rebento. A linda senhora concebeu uma linda menina. Porém poucos dias após o parto chegaram notícias na pequena aldeia de que o primo do rei, qual todos tinham por "morto", assumira o trono... Imediatamente o jovem rei contou toda a sua história à linda senhora e decidiu partir em busca do que era seu por direito. Deixou a aldeia e sua linda senhora. Em prantos. Sem mais notícias do jovem rei... e nem seu paradeiro. Diziam que fora assassinado. O certo é que, dias depois de sua partida, surgiram soldados na Vila a mando real a procura dele. Não encontraram e então levaram a linda mulher cativa... O bebê, eles deixaram pelo caminho horas depois, da partida deles, encontrado pelo velho druida. Os olhos furados..."

Repentinamente ela interrompeu a narrativa e disse: Eu sou o bebê. O druida me criou, quando ele faleceu casei com um jovem mercantilista. E este ajudou o rei a bancar esta empreitada na condição de também participar dela. Viajamos juntos. Há alguns dias partiu junto à bandeira e estou sem notícias dele. Um pouco antes de terminar a fala, sua voz foi tomando uma tessitura de tristezas, dei uma breve olhada nas duas colunas que sustentavam o corpo, rígidas e belas, lentamente subi os olhos pela

planície. Sem enxergar excessos. A planície adornada por duas sutis elevações. Empinados e firmes. Ela era enxuta. O poder percorria minha pele. Quer conhecer alguém? De a ele poder! Vestido de poder, uma pontinha de maldade cingia-me. Senti um tesão enorme por aquela mulher. Imediatamente descobri que o excesso de tesão exala um aroma safado... ela sentiu. Em seguida produziu um gesto muito sensual com a boca, que gerou uma voz safada, falou: ainda não é tempo. Saí. Caminhei até o centrinho da Vila. Verificaria as condições da população para em seguida implementar novas melhorias. Naquelas bandas nada de deputados para aprovação de minhas leis. Eu falava, era feriado. Na Vila tudo novo... As cores tintilantavam sob os meus olhos o burburinho dos ventos nos ouvidos, tudo novo. Em pouquíssimo tempo a maneira que eu enxergava a Vila mudou varias vezes. Novas interpretações. Novas interpretações. Novas interpretações. Novas interpretações. Mas a estrutura em si sempre imutável. Houve um descompasso entre minha metamorfose e a dinâmica dos dias... na Vila.

## Capítulo 4 - Reencontro

Meu poder foi pouco-a-pouco dissolvido na dinâmica dos dias de maneira a desvanecer totalmente por entre os meus dedos... somando-se, mais incompetência administrativa, falta de tino em liderança e a Jane reclamando exaustivamente de minha ausência. E para completar, havia períodos que não tínhamos notícias do reverendo e sua turma... Deixei de administrar a Vila. Instituí novo chefe, mesmo sem a inclinação da comunidade, ele era carente de atributos para liderança. Fazia parte do grupo de moribundos... Excluídos para a cabana externa ao círculo principal de casas. Porém o novo chefe era espirituoso. Grande rapaz. Aliás, minha administração não foi marcada somente por trapalhadas, de maneira racional, organizei o fluxo de vida dentro da Vila. Construí um cemitério digno, para os otários, e também aprovei a construção da taberna... Itens indispensáveis em qualquer comunidade. Aos poucos deixei de frequentar a Vila, foi recíproco, ninguém me visitava... Eu e Jane tiramos o atraso... amor todos os dias. Esperávamos o B. ser envolvido pelo sono e... automaticamente a chama de amor nos revestia. Mesmo assim, a senhora enxuta alimentava os meus fetiches. Os nossos dias voltaram ao mesmo processo cíclico, anterior a chegada dos invasores... Acordar ao anúncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas. Pescar e caçar. Preparar o almoço. A base de frutos do mar e às vezes carne vermelha... Cultuar a sesta. Caminhar pela praia adornado pelo sol de vermelhos dedos. Acender o fogo. Jantar e prostrar-se ao redor da fogueira, e mais, ouvir os lamentos de B. por não assistir aos jogos do Corinthians... Dormir. Acordar ao anúncio dos primeiros raios da manhã. Comer frutas. Mesmo assim, a senhora enxuta alimentava os meus fetiches. Numa tarde muito quente, após a refeição, Jane e B. foram para suas respectivas redes cultuarem a sesta. Eu

senti enorme necessidade de caminhar. Sai. Caminhei em direção à baía dos porcos. Cheguei às margens do riacho. Suas águas cristalinas estavam convidativas entrei nas águas de tão límpidas expunham a calha do riacho, que com muitas pedras coloridas e adornadas por uma fina camada de areia davam sustentação aos pés. As águas atingiam até as canelas o suficiente para refrigerar todo corpo. Minha estrutura era acariciada por sensação prazerosa comecei a caminhar contra o fluxo de águas. A cada pisada, os pés ardiavam, sentia toda a areia sob eles serem removidas pela dinâmica das águas e assim proporcionava uma doce sensação de afundamento. Delícia. Caminhava, porém lentamente. O riacho tangenciava a Vila, em seguida fazia uma curva de noventa graus para depois ser engolido pelo oceano. Após pouco tempo de caminhada, partindo da praia e contra o fluxo de águas o suficiente para chegar à vila. O riacho era totalmente incrustado no verde das matas e estas liberavam a entrada para apenas alguns focos de luz selecionando o colorido úmido do seu interior. O fluxo das águas fornecia o som fundamental, ficando aos pássaros e ao chacoalhar dos arbustos o complemento do acorde perfeito às vezes ouvia-se um arpejo decorrente de batidas bruscas de meus pés contra as águas. Caminhava... Momentos que nada pensei, limpei meu ego, inclusive da senhora enxuta. As águas passavam, e, lavavam toda ignorância. De tempo em tempo parava, analisava cuidadosamente a minha volta, com medo de répteis e qualquer animal peçonhento. Melhor prever do que sofrer... Envolvido pela fina penumbra, com os poucos raios solares, observava qualquer movimento na superfície e bordas das águas. Porém, em pouco tempo, depois de transpor a Vila me deparei com uma espécie de lagoa, antes dela, um afloramento de rochas abertas ao firmamento, eram impiedosamente atacadas pelas águas... Adquirindo naquela posição uma coloração branco leite e depois desembocavam tranquilamente na lagoa. Destes ataques, o fluxo de águas contra o afloramento de rochas, desprendia uma legião de gotículas que livremente passeavam pelos ares até serem transpassadas pelos raios solares transformando em colorações celestiais. Numa das bordas desta lagoa o revestimento do solo estava açotado, acredito que pelo andar de homens, a ferida era um pequeno círculo, deste arrebatava

uma linha em direção à mata que o tragava. Fiquei alguns instantes matutando sobre isso. Observei aos pés deste círculo, mas dentro das águas, havia uma rocha. Em forma de banco. Conclui: aquela composição era utilizada exclusivamente para banhos... Cuidadosamente, aproximei. Limpei a superfície da rocha submersa nas águas. Muito lodo. No barranco do riacho, alguns arbustos, que imediatamente ceifados. Retirei minha "camisa", ainda estava seca, em seguida lavei o rosto e espargi água pelo tórax. Novamente olhei a volta, ninguém. Sentei sobre a rocha, um trono, apenas o pescoço e cabeça aflorava sobre as águas. Estiquei as pernas e apoiei a cabeça no barranco... spa natural. Uma paz contagiava o ambiente e às vezes um perdido piado de pássaro para complementar aquela sinfonia do silêncio. Vários insetos andavam sobre as águas, impressionante, meus pensamentos vagaram em direção aos grandes rios do planeta, mississipi, nilo, sena, Amazonas... Sentia-me tão bem ali... pensei em retribuir todo aquele carinho. Batizaria aquele lugar. Qual nome, poderia ser, riacho verde, cristalino, do C., os pensamentos e sonhos foram lentamente vagando para fora daquelas matas e fundiram-se... adormeci. Engraçado, em situações fortuitas, é você cochilar alguns minutos, para em seguida, despertar desesperado e com a impressão de ter desmaiado por horas a fio. Comigo foi igual. Acordei desesperado, com a sensação de falta de ar, aspirando bruscamente todo o ambiente e com as mãos batendo sobre as águas. Na tentativa de libertar-me delas. No final daquela vã movimentação, sorri, acordava. Escutei um passo, antes que o movimento de minha cabeça em direção aquele ruído fosse completo, uma doce e agradável voz chegou a mim; oi C... Quase desmanchei. Difícil dizer se vergonha ou empolgação. Helena. Amada e cobiçada por B. a odiada por Jane. Ao observá-la, rapidamente várias imagens armazenadas em minha sinapse foram processadas, a garota que acenava das embarcações, a moça da festa do cabide... A garota que amei sem conhecê-la, a senhorita que acompanhava o reverendo em minha frustrada excursão pela Vila... todas eram ela, Helena. Porém um reencontro. O nome, Helena, fazia jus a sua fisionomia. Completa. Uma deusa. Vestia túnica branca, contraste com os verdes do ambiente, um maravilhoso quadro para os impressionista.



Automaticamente sai das águas. Impossível dizer qual impressão que eu causei a ela tenho um físico esbelto. Completo, mas esbelto, peito de pardal e pernas de seriema eis a descrição do conjunto.

Ela não permitiu respostas. E emendou, *pelo jeito você esta bem...* Considerando certo grau de insegurança falei, *estou bem melhor, mas num lugar destes e com você, qualquer mortal ficaria bem...* E ela?! Apenas sorriu. Lindo sorriso. Colhi a camisa e enquanto me vestia, notei que ela iria banhar-se. Ainda inseguro: as águas estão agradáveis e deixarei você apreciar-las. Porém ela insistiu: Fique... Sabe quando quer ficar mas dá de difícil?! Foi que fiz. Neste instante estávamos face a face. Ela era um pouco menor que eu, par perfeito. Segurou uma das minhas mãos, olhando fixamente em meus olhos, insistia para ficar. Ao sutil toque de sua mão, um fogo subiu pelo braço e incendiando todo o corpo. Confesso: quase morri. Perante a irreduzível opinião. Simplesmente deixou a minha mão, para em seguida soltar sua túnica e ficou nua. Pura?! Sabem o quê é pura? Uma angelical criatura moldada segundo os sonhos e desejos de todos... A sós e livre... Na minha frente... RE-SIS-TI. Imóvel. Ela ergueu os pés transportando o seu corpo para cima, ao meu nível, ficamos boca a boca e olhos nos olhos, sentia sua doce respiração. Ficamos assim alguns eternos segundos. Continuei imóvel. E ela, lentamente liberou as forças dos pés, despachando o seu corpo para baixo. Caminhou até a margem da pequena lagoa e com um pé feriu as águas... sorriu. E eu imóvel. Como uma sereia majestosamente adentrou nas águas. Novamente sorriu. Despedi-me. Sai por entre os arbustos margeando o riacho e deixando a lagoa, com aquela assombrosa deusa, fervendo em meus pensamentos segui em direção ao Q.G.

C.

## Capítulo 5 - Sonho em Chamas

Eu, Jane e B., éramos unânimes nas lutas, mas opiniões diferentes (novamente o mesmo blablabla...). B. frequentemente afirmava estar no paraíso, relutou em aceitar a construção do Q.G. para em seguida consentir com o perverso afloramento de seu libido. A chegada de Helena teve contribuição decisiva ao crescimento deste desejo, pois B. encontrou nela o amor eterno. Segundo ele, este era, o ponto crucial para uma eternidade de júbilo. Por outro lado, eu e Jane, vivíamos ao sabor do tempo e envolvidos pelo tecido da paixão. Este mesmo tempo impôs pequena disparidade de sonhos entre nós e B.. Minha lesão solidificou o amor de B., Helena diariamente visitava o Q.G., para alegria dele. Porém a vida me resgatou do leito, conseqüentemente desvanecendo as visitas diárias de Helena. Súbito do amor eterno, B. não media esforços, procurava encontrar a amada todos os dias evidente o desdém com que Helena o tratava. Amor não correspondido. B. lentamente transpunha todas as intempéries imposta pelo sentimento dela, através da constância, presente em todos os dias... No fluxo das diárias visitas à Vila e em tais circunstâncias a taberna virou um porto seguro. Refúgio. Acredito *piamente*, ali era o lugar onde B. abastecia e regava seu amor ao sabor de muito vinho. O tempo movimentando os dias B. lentamente retornava mais tarde ao Q.G. , a ponto de romper a noite na Vila. A princípio era bom, eu e Jane, derretíamos em carícias de amor... A ausência de B. proclamava aos ventos, tristezas. Num determinado dia, quando à noite de negros dedos foi encarcerada pelos raios de sol, B. apareceu no Q.G.. Era conduzido pela sorte, movido pela fermentação do vinho, com os olhos vermelhos o nariz e boca exalando um áspero aroma alcoólico, sinalizavam a companhia da noite de fracasso... Imediatamente acolhido pela rede, muda e fiel amiga. As cenas que seguiram foram suficientes fortes para me expelir da rede, levantei. Foram eles, meu carinho para com B. e nossa amizade. Sorratamente deixei o Q.G. rumo a Vila, ingênuo sono envolvia Jane. Queria verificar de perto o que B. aprontava por lá, mas, a preocupação foi minha companheira durante toda caminhada, a quem perguntar? Deveria ser discreto?!

Imediatamente recordei da senhora enxuta... Ao adentrar na área da Vila, percorri a parte externa do círculo de casas até atingir pela parte dos fundos a casa dela. Sutilmente bati na porta. O som produzido não foi o esperado... E alguns animais das casas vizinhas sinalizaram minha presença. Esta agitação me deixou estático. Inesperadamente e silenciosamente a porta abre-se e a linda senhora segura em minha mão conduzindo ao interior da casa para em seguida, com um sincronismo perfeito, fechar a porta nas nossas costas. Como os movimentos foram rápidos e nossos corpos alinharam para dar passagem à porta que se fechava... ficamos colados um no outro. Ela estava cheirosa e arrumada, pronta para festa, diferente de alguém em repouso. Apenas soprou algumas palavras, a ignição para o amor... *é tempo!* Ao sabor dos deliciosos momentos que seguem após a descarga de êxtase, ambientados pelo dueto de pulsações ofegantes e com os corpos extáticos... totalmente envolvido naquele romântico cenário, então carinhosamente sussurrei em seu ouvido sobre B. e Helena. Ao ouvir as palavras o seu rosto ficou rubro, levantou-se da cama, estraguei a festa com aquela pergunta, pensei com os meus botões, vestiu e saiu em direção à cozinha. Escutei barulhos das panelas e copos... Permaneci deitado, o amor me atava naquela cama. Em seguida voltou ao quarto, com o semblante nada convidativo, me chamando para comer... Puxado pelo braço. Levantei, e, nu, acompanhei a cozinha. Sentamos numa pequena mesa, frente-a-frente, cruzei as pernas de maneira a proteger o bráulio. Delicadeza de realeza, ela comia, e, pausadamente descrevia as aventuras de B. na Vila... Perdi a fome. Todos nós sabemos que Helena não ama B., dizia ela, e prosseguiu... cabralzinho detesta B. ... Interrompi sua narrativa, se Helena não gosta de B. , isto é sabido, porquê cabralzinho o detesta... Ela foi enfática, o cabralzinho quer um pretexto para deixá-la... ele ama Jane! E na sequência emendou, o B. também sabe disto tudo, porém é incansável... Desistir jamais. Desde quando você melhorou, ele frequenta assiduamente a Vila... a taberna é seu reino. Helena para evitar confusões vive trancada, exceto algumas vezes sai para o banho e mesmo assim esta acompanhada por alguém... Há alguns dias o cabralzinho saiu para caçar... B. aproximou da casa para cortejá-la...

E com alegria sarcástica espancava a porta da casa. Helena apavorada, abriu a porta, desferindo uma paulada na cabeça dele... Deixou ao pó. Sem remorso imediato, empurrou a cabeça dele enquanto fechava a porta. O corpo ficou espreado pelo chão por muito tempo... tive pena. Então levei um pano quente embebido em vinho e passei em sua ferida estava acordado, mas mudo. Não dizia uma palavrinha sequer... apoiei ele em meus ombros e transportei até a taberna. Pedi a um guri para avisar-te... em vão. O povo adorou vê-lo na merda, para o meu desespero. Ao deixá-lo e caminhando de retorno à minha casa, passei por Helena, através da janela de sua casa consegui observá-la, chorava copiosamente. Adentrei pra acalmá-la, em vão. O remorso havia entrado em sua alma e ela pedia incansavelmente a presença de C.. Isto mesmo, a presença de C. Horas depois, retornando da caçada, cabralzinho recebeu a notícia naturalmente, incrível... Seu semblante permaneceu o mesmo apenas prometeu vingança. Depois deste episódio B. vinha na Vila sem arredar os pés da taberna... No retorno ao Q.G. caiu forte chuva. Ventos fortes faziam um dueto com as águas e assobiavam aos meus ouvidos. O sequestro de cores orquestrado pelas chuvas deu um toque melancólico ao ambiente, propiciando ótimos momentos para reflexões, talvez também pela limitação da mobilidade ou até pela mórbida fisionomia dos deuses pintado naqueles céus, terreno ideal para repouso. Analisei com minúcias a situação. Os dias seguiram com impiedosas chuvas, três ou quatro dias... Assim o B. não arredou os pés do Q.G., aproveitei para aconselhá-lo, é sabido que conselhos servem apenas para irritar o aconselhado. Ele desprezou minhas recomendações. No entanto dizia: estou no paraíso e seguirei minha intuição. Derepente disse, no paraíso entram somente pessoas que possuem amor... Se todos têm amor, é desnecessário às regras... Interrompi lembrando que estava louco. Fechou a cara e ficamos os dias seguintes sem conversarmos. O sol vencera a penumbra das águas e desapontou com seus róseos dedos sobre as matas, imediatamente B. desapareceu do Q.G., ficou vários dias sem dar as caras. Para nossa felicidade, eu e Jane. Vivíamos eterna lua de mel, o certo é, o mel acabara, mas nós sempre reinventávamos a lua do amor. Ao quinto dia da ausência de B., logo pela manhã, eu e Jane, descemos até a

vila para adquirirmos mantimentos. Naquela ocasião os lusos eram vitais para nossa sobrevivência ao adentrarmos na taberna recebemos a notícia: fazia dois dias que B. desaparecera. Ficamos preocupados. Sendo o tempo o melhor remédio a todos os males, resolvi esperar pelo desfecho final daquele caso. Mas como Jane ficou surpresa com minha imobilidade, senti na obrigação de agir. Sai indagando as pessoas da Vila a respeito de B., pelo teor das respostas, senti no ar que por ali imperava a lei do silêncio... Isso me preocupou. Temi pelo pior... Apesar de coletar pouca informação útil, descobri que o B. foi visto pela última vez indo banhar-se na pequena lagoa. Aquela formada pelo riacho... Eu e Jane, saímos em direção à lagoa, caminhamos em silêncio. Sabe quando você está preocupado? E começa a criar várias conjecturas na mente... O volume e peso das suposições são tal que gera o silêncio. Esse silêncio nos transportava e lentamente o verde das matas nos tragava, aos poucos o som das águas aumentava. Burburinho agradável. Atingimos a borda da lagoa. Nada de anormal. Carente das habilidades de um perito, mas, observei detalhadamente cada canto daquele lugar. Ao lado apostado da entrada de acesso à lagoa um feixe de mato abatido, amassados, porém mato verde. A Jane fizera alguns comentários... Cabisbaixos voltamos para o Q.G.. Ao passarmos pela Vila, estávamos em silêncio e ainda cabisbaixos, envolvido naquela condição de preocupados, observei a sensação de alegria mascarada nos invasores... *filhos-das-putas*. Recolhemos os nossos mantimentos na taberna e continuamos a caminhada até o Q.G.. Com o sol majestosamente a pino e irradiando um turbilhão de energia aos nossos corpos. Fritávamos. No nosso destino imediatamente refrescamos os corpos. Água. Água e mais água. Jane, resolvera providenciar alguma comida. Sentei na rede e comecei a analisar a situação. Comecei a remoer todos os insucessos daquela manhã. A triste notícia ao adentrarmos na taberna. A minha falta de atitudes. A busca. A lagoa... a lagoa... Os pensamentos ficaram hipnotizados pela lagoa. Pararam na lagoa. Talvez minha aventura por lá seguido do encontro com Helena... Não! Não fora isso. A vegetação rasteira violentamente danificada... Saltei da rede. Contido pela incerteza deitei novamente. Olhava aquele cenário, ainda fresco na mente, o caminho formado pelos

arbustos danificados desembocava na lagoa... comecei a afligir-me. Pela abertura formada... correspondia a lar-gu-ra de... uma... pes-so...A! Tentando elucidar os fatos, a Jane delicadamente interrompeu-me, barrado pela deliciosa refeição... Durante o resto da tarde permaneci em silêncio, velando aquele cenário, na tentativa de encontrar os personagens responsáveis pelas cenas. Jane e eu ficamos acordados. O manto do silêncio era nossa proteção. Quietos. Durante a vigília noturna, eu me auto flagelava, por não voltar naquela tarde na lagoa, para ter certeza dos fatos. Os meus ossos gemiam, a cabeça emanou vapores e eu desanimado. Amanheceu. Permaneci deitado. Pela banda da esquerda, através da janela, observava os raios do sol lapidarem os azuis das águas. Linda manhã. Sem pronunciar um bom dia, Jane levantou e preparava um chá. Permaneci deitado. Com o passar das horas os cenários ficaram pálidos a ponto de desvanecerem da mente... Jane chorava. Permaneci calado. Qual palavra consolará um coração abatido? Uma leve e sublime madorna me dominou, adormeci. Acordei ao alarido de prantos, uma tríade, Jane, Helena e a enxuta senhora. Levantei da rede tive uma pequena vertigem... Dominei o corpo, aproximando do grupo. Abracei Jane. Ao sentir minha presença, elas, me atingiram com o torpedo: A notícia. Triste notícia. B. fora encontrado boiando na lagoa... Forte irresponsabilidade se assenhoreou de mim. Para em seguida expulsar a razão. Meu coração batia freneticamente e intuitivamente cobrava uma retaliação. Puto. Caminhei até os foguetes que permaneciam envoltos numa camisa e esquecidos no Q.G. Com dificuldades transportei dois foguetes até o mirante. As mulheres continuavam envolvidas no fúnebre coral. Indiferentes. Montei o primeiro foguete. Oxidado. Certamente falharia, portanto deixei-o... Montei o segundo... aponte para a Vila. Tive dúvidas em qual ponto mirar... Uma bandeira vermelha, vindo da esquerda, fluía livremente por entre o verde das matas e em direção à vila. Não esperei. Antes que ela desembocasse na Vila... Liberei o primeiro disparo. Destruí metade da Vila... Houve silêncio, as três mulheres pararam com a fúnebre cantiga... Esperei a poeira abaixar e preparei o segundo disparo... Um grito aflito e metálico fendeu os céus de alto abaixo... Como cavalgava majestosamente sobre a ira, senti apenas

mãos aflitas tocarem em mim, continuei. Segui o meu propósito. Efetuei o segundo disparo. Novamente a voz aflita fez-se soar nos céus... Aguda e metálica... *Assassino!... Você matou o meu amor...* Foi possível distinguir, no jato de ódio o timbre característica de voz da senhora enxuta... Proposital, o terceiro disparo efetuado... Fogo, poeira, silêncio e choro... descrever o resto seria enrolação. Guardei os foguetes e parti em direção a lagoa na esperança de encontrar o corpo de B. Sai. As mulheres retomaram em unísono a fúnebre cantiga. A tarde radiava de bela... Uma brisa completava aquela obra. Ao atingir o riacho, caminhei em sua margem em sentido contrário a seu fluxo. Evitava passar pelos despojos da vila. Próximo da lagoa avistei o corpo de B. boiando serenamente ancorado na margem direita da lagoa. Todo inchado horrível. Sinceramente fiquei longe do morto. Porém procurei alguns galhos de árvore para construir algo e transportar o defunto. Minha intenção era sepultá-lo dignamente, depois de muito esforço consegui improvisar uma pequena padiola. Retirei o corpo da água. Cuidadosamente montei o defunto e o transportei. Na praia, de frente para a baía dos porcos, depusitei o defunto sobre a areia ao redor dele fiz um amontoado de madeira em forma de círculo. Um monturo, da minha altura... Neste ditoso trabalho lembrei-me das mulheres e olhei ao Q.G... Sentadas no mirante elas atentavam ao meu trabalho. Terminei já noitinha. Uma escada para transpor o monturo e solenemente despedir pela última vez do meu amigo. Com uma tocha acesa na mão subi a escada do holocausto e de frente para o defunto fiz uma pequena oração, não sei pra quem, entregando meu amigo aos senhores do Hades. Em seguida acendi a pira... Ao longe, na praia assisti o fogo consumir um sonho. Fumaça, chama, fogo, fogueira, fogo, fumaça... Silêncio e apagou... As chamas lutaram bravamente, enquanto possuíam forças, com a noite de negros dedos... Sentia o corpo o agitado e ao mesmo tempo afadigado. Porém o meu organismo, há tempos, estava habituado com aqueles lugares, os sons, os cheiros e as cores faziam parte do cotidiano, facilmente adormeci Quando o sol havia aquecido o dia, acordei, queimava e apenas sentei na areia. E depois como caranguejo, arrastei de costas poucos metros e amparado pela sombra de estrondoso arbusto. Despido da

irresponsabilidade de outrora, nu, passei a percorrer toda a praia sob a tutela da visão. O monturo naquelas horas era apenas pequeno amontoado de cinzas e fumaça. Ali jazia meu amigo e sonhos. E eu?! Perdi tudo, havia me transformado num ermitão, como pode... um homem normal virar assassino? Como? Olhei para o meu corpo, revestido de trapos? Como aceitei esta condição? Chorei. Também olhei em direção a Vila, nada, apenas fumaça... Instantaneamente passei a recordar da infância e antepassados... Arrependido. Sabia perfeitamente, este sentimento em tais circunstâncias pouco valia. Sai chorando em direção ao Q.G. Jane acordada... Ela colou o dedo indicador nos lábios sinalizando silêncio, parado, levantou-se da rede e veio ao meu encontro. Puxou-me para fora e nós nos abraçamos. Choramos baixinho, não produzíamos sons, apenas expelíamos através das lágrimas... dores. Momentos onde o silêncio é senhor. Para facilitar o raciocínio... experimente depositar um talher (totalmente de metal) sobre um prato de porcelana. O prato deve estar sobre uma mesa de modo a ficar na altura da cintura, você em pé ao lado da mesa... o ambiente deve estar totalmente envolvido de silêncio, tente? Sem produzir barulho, tente? É claro que conseguirá, depois de muito treino. Era exatamente isto que tentávamos... chorar sem produzir barulhos. Helena, e a senhora enxuta ainda dormiam, esta era a preocupação. Sussurrei no ouvido de Jane palavras de conforto... tinha certeza que sairíamos daquela enroscada.

C.



## Capítulo 6 - Poéticos Fragmentos

Quantas flores passaram por sua vida? Se foram...

Quantas flores estão em sua vida? Ficarão....

Quantas flores aparecerão em sua vida? Eternas... não saberei.

Plantadas: ao ermo; ao acaso; com suor; com o tempo.

Ceifadas: na ira; no furor; no desdém; na indiferença; na tempestade; com violência!

Estudadas: com critério; com paciência; com pressa; por obrigação.

Amadas: com carinho; com prazer; com alegria e com lágrimas.

Lágrimas! Lágrimas! Lágrimas! A pena que descreve toda a sua existência.

Com a mesma força que amas, choras!?

Helena

*(carta encontrada no túmulo de C.)*

## Capítulo 7 – Olhar Feminino

Imagine uma folha de papel, formato retangular, divida o menor lado em três partes iguais. Visualizam? Ao escrever, com a folha em pé (menor lado como base), sempre deixei o terceiro terço do papel em branco, partindo da esquerda à direita, uma tira branca enooooorme na vertical, motivo de muitas chacotas e lágrimas no colégio. Terminava a escrita nesta posição da folha, tentando avançar, não conseguia fixar o papel com a mão escrevente, quando conseguia, então surgia uma escrita horrível na extremidade. Chorava de dar dó. Isto tratando de folhas avulsas. E eu cresci com esta sensação, de ser uma *peça de deboches*... acreditem. Foi divino quando descobri uma máquina de escrever e que conseguiria utilizá-la, ai depois apareceu o computador... Safei de deixar minha "foto" nos trabalhos escolares. Bom, desconheço o motivo deste desabafo... Aqui, sem recursos, novamente esta dificuldade me assombrou. Não possuir uma Mão é Foda... Esqueçam. Como na vida tudo tem um começo... O nascimento (óbvio), primeiro sutiã, primeiro beijo, primeiro emprego (consequentemente o primeiro salário, lembrando: para os pobres...), o primeiro amor (equivalente ao primeiro foda) , ... às vezes este termo, *tudo tem um começo*, é meio relativo...entendam, algo sem começo, não é algo (começa por aí) , a gênese é criada pela própria cultura, simplesmente para saciar um desconhecido desejo do homem... a nossa estada por aqui teve um começo ... Sem um motivo. Do nada aparecemos, e, em seguida uma sequência de acontecimentos malucos nos prendeu por aqui... Privando-me das joias, das roupas, da família, da minha querida cama, do gato... gato que faz, *miau*, bem entendido! Para viver como primata, no meio do mato... A praia é excelente. Palavras são impotentes pra sensibilizar pessoas, por mais bem escrita que estejam... Palavras são palavras, diferentes de um beliscão. Dói portanto chama atenção, chama atenção pela dor! Não sei aonde encontrar palavras que gerem esta sensação de frustração, de dor, de perda... na qual vivo e sinto. Bom! Esqueçam minhas dores... De praxe, devo apresentar-lhes as personagens desta viagem. Iniciamos em três pessoas. Eu, Jane Vermelho, o C. (um gato), e B., os dois em memória.

Trabalhávamos juntos como pesquisadores, no desenvolvimento de novos materiais para aviação e afins (incluindo a indústria bélica). Porém no dia primeiro de abril de dois mil e quatro... aparecemos aqui. Do nada! Devidos todos aqueles movimentos de "translação", descobrimos que o B. paralelamente as nossas atividades diárias, pesquisava (sozinho) e experimentalmente a lei da relatividade... é possível uma coisa desta...?! A princípio nós não aceitávamos esta condição (eu e o C.) de aparecer do nada neste lugar... Voltamos no tempo?! Enquanto procurávamos respostas e referencial físico o B. se divertia... Em menos de três dias paramos de reclamar e até construímos uma casa. Apelidada de Q.G., o queridinho do B. bico fechado, reclamou apenas da ausência dos jogos do corinthians (ele tinha uma aparência rude, horrível, mas com um jeitão legal). Não possuíamos televisão, portanto sem transmissões dos jogos. Em contrapartida o B. dizia que isto era o paraíso e deveríamos curtir... o máximo. Ele saiu dando nome em tudo... baía dos porcos (que nome ridículo) depois, baía de guanabara... Seu jargão era: *aproveitar as férias ao máximo*. Em partes concordei com ele... aponto de me apaixonar pelo C. , tenho certeza que em outras circunstâncias aquilo jamaaaaaais aconteceria, Certo?! Errado! O C. era realmente um gatão. Astro *hollywoodiano*, mas fora daqui as barreiras, civis e sociais, seriam um obstáculo natural ao próspero relacionamento. Agora, explicar a morte de C. a sua mulher será barra. Nada disso é interessante, a verdade: nós dois aproveitamos ao máximo. Aí depois destes insignificantes acontecimentos, (insignificantes se comparado ao acontecimento chave de toda esta história, nossa estada nestas bandas), pintaram na área vários sujeitos: primeiro um padre. O danado falava latim. Então, aproveitei e treinei minha pronuncia nesta língua arcaica... profetizou um montão de coisas. Entre outras, a vinda da armada comandada pelo cabralzinho e inclusive fornecendo data exata de chegada...

Dias depois da visita do reverendo, apareceu de surpresa uma gata (felino). De origem desconhecida (pouco me importava sua origem). Adorei. Batizei ela de gisele. Mas foi duro convencer o C. e B. para ficarmos com a gatinha. Homens não possuem sensibilidade (na realidade fingem indiferença). A

alegria da companhia durou pouco. Logo no segundo dia... Surgiu no mar, uma esquadra de piratas e levaram a coitadinha... snif, snif... Fiquei dias para limpar toda tristeza... Conforme predição do reverendo, apareceu no horizonte à esquadra com vinte barcos comandada pelo sr cabralzinho, ... Ao adentrarem na baía, os meninos abriram fogo pra valer contra eles, e, destruíram várias embarcações... eu aproveitei toda encrenca e também fiz alguns disparos. Provei com *A+B* que mulher é guerreira... Quando a fumaça e o fogo cessaram. Observamos apenas uma embarcação estacionada na baía, à armada de Helena e M.. O C. estava louco para destruí-los também... sua efêmera raiva foi contida por mim. Cedemos, indulto a eles. Para ser sincera, daquela armada somente a Helena salva, o resto... dá pena... Inicialmente as meninas mostraram certa repulsa em minha mutilada silhueta, mas a M. é cega e não deu importância à deficiência. E outra, ela se foi logo... Já Helena, com o passar do tempo educou sua visão a mim. De cara, tivemos um relacionamento conflitante com os tripulantes daquela embarcação, eu e os meninos afirmávamos que as terras eram nossas... E eles, discordavam... o cabralzinho sempre teimoso. Outro reverendo, o consultor espiritual deles, criou um meio termo entre ambas às partes... Velho realmente perspicaz. No momento do conflito de interesses o C., afastou-se do campo de batalha (verbais), adentrou nas matas a procura de alimentos, diz ele que morria de fome. Porém foi atacado por uma víbora (cobrona, grande mesmo), consequentemente ficando vários dias de molho. Quase morri de pena... Sorte que Helena se condoeu, ela é do bem, forneceu remédios e vinhos, nascendo forte laço de amizade entre nós... C. ficou num estado de alucinação permanente. Isto durou vários dias, o suficiente para B. se apaixonar por Helena. A origem de todo conflito. Antes de C. ser atacado, eu, sinceramente a ideia foi minha (modestamente), seguindo um estratégia peculiar, sugeri aos invasores que construíssem suas casas numa área distante de nós. Ficaram distantes, mas no mesmo rumo. Visualizem: do mirante de casa era possível analisar toda a movimentação deles. Fantástico! Nós tínhamos um conceito único de defesa, mesmo possuindo armamentos tão modernos em relação ao dos invasores. (...)

Como eu e Helena ficamos intimas (com a desculpa de cuidar do C., Helena – era casada com o cabralzinho – deixava todos os dias a Vila rumo a nossa casa) , comentávamos assuntos diversos. Imaginem duas pessoas defasadas em *mais-ou-menos* quinhentos anos... As cabeças completamente opostas, deram num tititititititi danado... O homem necessita periodicamente de um upgrade, porque com o tempo vai definhando o espírito que conseqüentemente debilita os prazeres da pele (digo carne). Aceita. Acredita que é a velhice. Preocupa-se demasiado com o passado, controlando o medo do futuro e assim não vive o presente. Detesta as mudanças implantadas pelos jovens... O novo, torna em sua maneira de ser, vulgar, infantil, *pouca vergonha*, entre outros adjetivos. Na verdade somos apenas um amontoado de coisas passadas. Aceitamos... Oras! Eu sabia muito do tempo de Helena, às vezes, mais que ela. Graças a isso o titittititi foi tolerável. Agora, como ela vestia, perdi a paciência. Ela parecia uma *sapatão*...estava sempre num look bizarro, aproveitei, num dia enquanto ela cuidava de C. e estávamos em casa a sós, retirei sua saia e fiz alguns ajustes... ela ficou super sensual. Mesmo com as pernas hiper-brancas... cortei sua blusa (talvez não era blusa, bem parecida), deixando um decote em V... Ma-ra-vi-lho-so. Aproveitei aquela ocasião, ensinei Helena o quê seria *topless*. Num determinado dia, no ápice dos delírios de C., resolvemos deixá-lo aos cuidados dos deuses... saímos. Estávamos saturadas, então sugeri a ela um relaxante banho de mar... Detalhe, não possuíamos biquínis, e, ela desconhecia biquínis. Expliquei a naturalidade dos índios (índias), sem vestimentas, demonstrando equivalência com biquíni, ela ficou horrorizada... Enquanto comentava aquele assunto, com muita naturalidade, retirei toda minha roupa e a despi também, mesmo sem prévia autorização. Normalmente, ou naturalmente, caminhamos até as águas e nadamos toda tarde. Delícia. E mais, aproveitamos o sol e atualizamos o bronzeado. Ela ficou chique, meu bem. Bom até ai tudo ótimo... O C. melhorou, a encrenca começou e lentamente Helena deixou as visitas, teve ocasiões de ficarmos umas três semanas sem falarmos. A coisa inverteu, conforme Helena diminuía suas visitas em casa, B. aumentava as suas à Vila. E também passou a frequentador assíduo da taberna, mantendo

este hábito, até morrer (ser assassinado). Quem matou B.? não sabemos, mas que o cabralzinho detestava ele todos sabiam. Ao anuncio da morte de B., C. ficou firme... ao contrário, detonou toda Vila, o cabralzinho e inclusive o marido de M., um bandido que havia colaborado, somando dividendos, com a coroa para realizar aquela empreitada. O desgraçado voltava de uma expedição, ao interior do continente, no exato momento que C. efetuou os disparos. M. assistiu tudo... Lembrando: M. era deficiente visual, visão condicionada à descrição dada por terceiros, neste caso em particular era Helena, única que sabia dar nomes aos bois, pois conhecia todos os moradores da Vila, sua narração de tão autentica, relatava inclusive os momentos de silêncio, suspenses... deixando M. desesperada. E por falar em M., eu descobri que o viado do C. dormiu "duas vezes com ela". Ser traída por si só é ridículo, mas pior ainda, é ser última a saber... ou seja, *cornio* completo. Inadmissível! Primeiro com o pretexto de coordenar e implementar melhorias na Vila, depois em vigiar os passos de B., na realidade o desgraçado me traia. A parte boa da história, ficara felicíssima, Helena me contou que um dia deu em cima de C., e ele friamente resistiu. Esta foi à versão dela, o outro lado (C.) esta sepultado... tive obrigação de acreditar. A troca de quê ela mentiria?

Mulheres, mulheres...

Pois bem, C., destruiu toda Vila e seus moradores, com certeza ele arrependeu-se. Mas já havia feito à merda... Em seguida procurou o corpo de B.(desconheço aonde o corpo jazia) e o trouxe para praia. Assim C. fez à B. um funeral dos deuses, digno de heróis gregos, inclusive uma longa oração sobre o defunto, achei uma gracinha. Era um amontoado de lenhas ao redor do corpo, escondendo, mas acessível por uma escada. Quando C. subiu nela, carregando uma tocha acesa na mão... Meu coraçãozinho bateu mais forte, ele parou por uns instantes e lançou a tocha no centro do círculo. Rapidamente o fogo alastrou-se e reduziu nosso grande amigo em cinzas. Eu e as duas meninas, choramos bastante durante todo o ritual comandado pelo C. Os dias seguintes foram de silêncio e paz. Sendo as duas meninas hóspedes em casa, o C. resistiu por alguns dias (dormiu ao relento), mas depois também procurou repouso por lá. Quando M. acalmou-

se, ela pediu ao C. que construísse uma cabana, queria independência. Ter seu próprio cantinho. De imediato suspeitei e pedi ao C. cautela. Como a cadela estava no cio, C. ignorou minhas súplicas. Começou construir a cabana próxima da Vila, depois do riacho, o coitado trabalhou exaustivamente dois inteiros dias. A casinha ficou uma graça. Providenciamos algumas mobílias, porque nada sobrou (nem pra contar história) da antiga Vila. Lá se foi ela. Logo no segundo dia após a mudança de M. o C. dissera que a visitaria, com o pretexto de concluir alguns trabalhos na casinha. Otário. Foi e não voltou mais. Passou o dia todo e nada do C. voltar... À noite, nada... Amanheceu, nada... Dois dias passaram. Então, Helena resolveu que deveríamos procurá-lo. Estávamos apreensivas, como era pouca à distância entre as duas casas, rapidamente chegamos. Eu na frente de Helena, abri a porta... Entrei de supetão (queria pegar no flagra). Casa em silêncio. Caminhamos até o quarto, e, eu sempre na frente. No interior nada... Cheiro forte de *carniça*. Aquilo chamou nossa atenção. Olhamos por detrás da cama... Lá jazia um defunto. Corpo rijo e iniciando o processo de decomposição, encabeçado pelos bigatos que alegremente percorriam sobre sua casca. Que nojeira... Sai. Até então desconhecíamos quem era... Voltei. Era o C.. Chorei fortemente... aquela *filha-da-puta* matou o coitadinho. As lágrimas começaram a percorrer meu rosto e a partir de então, o forte cheiro de *carniça* no ambiente desapareceu. Helena deixou o quarto, para depois voltar correndo... também em lágrimas. Em silêncio me puxou pelo braço. Conduzindo para o fundo da casa, quintal, apontou para pequena árvore... *Caramba*, eu pensei... M. estava dependurada por uma corda, enforcada. Montando rapidamente na cabeça aquelas cenas, deduzimos, M. matou C., vingança (aparentemente por envenenamento) e depois se enforcou. Ficamos completamente horrorizadas. Curiosa; aproximei do corpo pendurado, ainda fresco. Diferente do C. lá deixamos aos cuidados das aves de rapina... quanto ao C., arrastamos o seu rijo defunto até a praia mais ou menos no local da fogueira de B.. Abrimos uma cova além do curso final das ondas, embaixo de alguns arbustos, na mesma direção da fogueira (foi tão cansativo abrir a cova). E sem cerimônias sepultamos o coitado. Jogamos

bastante areia sobre ele. E amassamos bem, de maneira a impedir sua saída em caso de ressuscitação. Ao término de todo aquele trabalho, sentamos no chão para descansar. Pensei e agora? Olhei friamente para Helena, sentada ao meu lado, e rispidamente perguntei: *Você me matará?* Com lágrimas nos olhos ela sorriu... Deu-me um forte abraço. Assim, grudada uma na outra, choramos copiosamente. O que seria de nós? duas pobres mulheres?

Voltamos para casa e tocamos a vida. Nada melhor que o tempo para curar as feridas do coração... "Detesto este lugar... as meninas eram bacanas (sempre com exceções). Não porque seja feio, muito pelo contrário, o lugar é divino... Mas a solidão bate forte, falta aquele burburinho de gentes a necessidade de ouvir e ser ouvido... Sem o C. é pior ainda, o tempo parou. Ele possuía aquele jeitão de safado... era insaciável, hein C. que saudade. Snif. Snif." (pensava) Quando ficava deprê, imediatamente aparece a Helena... com sua lírica voz : *Jane, meu amor não chore...* Às vezes sentia (ainda sinto) certo tesãozinho na voz dela, *não-sei-nãooooo...* quando ficava triste, ela me consolava e vice-e-versa. Um dia comentou: somente alguns expedicionários voltaram com o marido de M., isto acendeu uma chama de esperança em nós... A vida voltou ao primeiro estágio... acordar, colher alimentos, pescar, nadar (nuas), atualizar o bronzeado (nuas), cultuar a sesta e conversar sob a luz da fogueira até tarde da noite. Sempre friso – *nuas* - certo? Naquelas bandas não tínhamos limitações para nossos desejos. Esqueçam. Voltemos. Porém com um agravante... bom! Depois eu contarei. O finado B. conhecia de botânica e numa de suas andanças pelas matas, ele descobriu uma planta, produtora de óleo. O *danado*, do óleo, era excelente para pele. Deixava bem macia. Eu adorava passar aquele óleo, além do mais possuía um aroma, agradável. Assim, dia sim, dia não, o C. passava este óleo em mim. Massageando todo o corpo. Eu adorava. B. morreu, C. também, mas eu continuei a utilizar o óleo. Em consequência de minha limitação física, necessitava do auxílio de Helena... E mulher, é mulher... Ela passava o óleo e massageava, super-relaxante. Dias após dias o mesmo filme... Nada mudava... numa situação dessas os pensamentos voam. Precisava criar algo novo. Dentro da rotina diária, olhava



atentamente tudo, na esperança de encontrar algo prazeroso. Por mais insignificante que fosse, eu analisava, pensava... Ao fechamento do crepúsculo, quando a brisa do mar sopra um arzinho refrescante em direção à costa, eu e Helena sentada na praia. Seminuas. *Lado-a-lado*. Derepente algo nela me cativou. Seu sorriso alegria pulverizada ao ambiente pela brisa... Não sei. Na tentativa de entender, aquela sensação, passei a analisar o seu corpo... o seu jeito. Análise lascívia. Helena estava arrebatadora. Eu deitei na areia, na sequência virei o corpo para o lado dela. Senti uma forte insegurança em continuar minha empreitada. Parei. Ela viajava, com aquele lindo sorriso, sem desconfiar de minha aflição. Para o meu desespero. Com a mão, aproximei de uma perna, e, com um toque sutil dos dedos (encostando apenas nos pelos da perna dela) iniciei delicada massagem. O sorriso dela apagou... Os olhos nostalgicamente fecharam... A boca foi levemente aberta e dava passagem à respiração mais marcante, mas eu... não aguentei. Parei com aquilo. Virei o meu corpo, ficando de costa para Helena. Chorei. Como? Perguntava-me... preciso viajar a quinhentos anos, para liberar algo dentro de mim. Como? Somente só descobri a minha real identidade. Preciso de solidão, sem sociedade, cultura, regras pra viver verdadeiro amor? Chorava. É isso amor? Paixão? Queria vive-lo... Sem escolhas e excitada, levantei e parti em direção a casa. Fiquei dias sem forças para encarar Helena. Talvez vergonha, medo... *Ela gostou?* Mais me afligia. Eternos atores, vivendo no palco da vida unicamente para saciar a libido da plateia e agindo na risca do recomendado. Que solidão. Sofrendo assim, é possível equacionar o egoísmo impregnado na alma. Deixei de untar o meu corpo com óleo. Vergonha de Helena. Numa noite estávamos sentadas ao redor da fogueira, mas, em silêncio... Helena, levantou-se. Saiu. Em seguida voltou trazendo nas mãos o "frasco" de óleo. Chacoalhava o frasquinho freneticamente. Fogo percorreu meu corpo, contive. Apenas levantei para deitar na rede. Olhos colados no teto da casa. Somente os olhos. Porque os pensamentos vagavam pelo corpo de Helena. Assim, do nada, Helena foi até a rede, pedia para levantar-me, passaria o óleo em mim. De charme resisti. Para em seguida levantar e sentar na rede... liberando a costa à massagem. Fechei

meus olhos e subi nas nuvens... Delícia. Senti o palpitar de sua respiração em minha nuca e o bico dos seios roçarem a pele das minhas costas. Arrepiei. Ela nua... Os outros expedicionários nunca retornaram. E eu arquitetava nosso resgate, a certeza da felicidade com Helena em qualquer tempo e espaço incrustou na minha alma.

*Jane Vermelho*

## Capítulo 8 - Posfácio

O formato cognitivo do indivíduo atual é a relação, ou somatória, dos adjetivos das gerações passadas, e, o legado peculiar de indivíduos que de alguma forma mereceram um papel de destaque no curso histórico da humanidade. Uma vez construído o indivíduo atual, veda-se totalmente a porta do novo, da inovação. Isto mesmo, construído! Responsável? a opressora cultura, que num processo paulatino adiciona os seus limites no indivíduo, romper, há transgressão gerando medo, retaliações e desprezo. Mesmo assim, o eu (cognitivo), ainda é indecifrável. *“Na verdade somos apenas um amontoado de coisas passadas” (Jane Vermelho)*

Como a representação gráfica, foi e sempre será, uma forma de expressão dos movimentos da alma. Então, pela primeira vez na minha carreira de consultório, prescrevi, utilização da escrita como terapia. Regressando, através do caminho mais simples de libertação da humanidade, ao passado e livrando-se dele. Jane Vermelho. Natural de Santa, nascida em 27 dezembro de 1999. *(as vésperas do bug-do-milênio)*. Mestre em Engenharia de materiais. Primeira consulta, 01 abril de 2025. Com um quadro psiquiátrico que apresentava desvio progressivo de personalidade. Perfil completamente oposto a sua silhueta e semblante (não possuía o antebraço e mão esquerda). Um conjunto lindo, característico de pessoas decididas e autênticas. Ledo engano... Entrou na sala comentando a sede irresistível de participar de guerra entres traficantes no morro (a princípio senti certa infantilidade em seus comentários). Como primeira consulta, perguntei: Qual o motivo que a trouxe aqui? Qual resposta? Um sorriso.(Sorriso com todas as letras). E seguido por um extenso silêncio. Observando o silêncio expresso em sua face, aproveitei, liberando os pensamentos... *A deficiência física seria o motivo de infortúnios?* Não deu tempo de dar cabo as conjeturas... ela emergiu do silêncio. E serenamente perguntou? *O que seria do brasil, se quando a armada de cabral aportasse na costa brasileira e fosse recebida com tiros de foguetes terra-ar, aqueles teleguiados?* A idade, mais a formação acadêmica (com essas perguntas...), simplesmente

desconsiderarei o que falara... Quase cai da cadeira... mas mantendo a postura externa, seriamente respondi, com outra pergunta (bem básica) *por quê?* Impressionante, nem deu importância a mim. Começou a falar com empolgação sobre o assunto... *Imagine, aquele monte de caravelas... sendo consumidas pelo fogo dos disparos.*(seus olhos brilhavam) *Hoje nós não seríamos um país desenvolvido.* Sem perder uma sílaba daquele maluco discurso, liguei o gravador sobre a mesa. De tempo em tempo, me olhava, esperando uma aprovação, indiferente a minha posição, prosseguia o discurso. Eu sabia perfeitamente que quanto mais falava, mais facilitaria o seu próprio diagnóstico. Derepente alegando falta de tempo, levantou-se e saiu. Prometendo voltar na semana seguinte. Tentei acompanhá-la até a porta... Ela foi rápida. Fechei a porta. Mantendo a mão na maçaneta, depois encostei toda a extensão do braço e a cabeça, na porta. Descarreguei o peso do corpo nestes pontos de sustentação, fechei os olhos e viajei. Pensando... Não em Jane, em mim. Criava sonhos amorosos, a uma paciente, em poucos minutos, pior... Na primeira consulta. Voltei até a mesa e liguei o gravador. Voltei. Play. Escutei, aquela doce voz. Voltei. Play. Escutei, aquela doce voz. Voltei. Play. Escutei, aquela doce voz. Voltei. Play. Escutei, aquela doce voz. Voltei. Play. Escutei, aquela doce voz. Infinitas vezes, o mesmo ritual. Escuta-se a mesma coisa várias vezes, num ponto qualquer, a carga de informação ali contida, perde totalmente seu genuíno sentido. Isso não aconteceu comigo. Apesar de todas os efeitos benéficos, da consulta, à alma. Nada de criar expectativas. Próxima semana, exatamente no horário combinado, lá estava ela. Não fiquei surpreso. Recebi-a cortesmente. Segurei em sua mão, guiando seu corpo para o interior do consultório, e, na sequência fechei a porta. No percurso até a mesa. Puxei um papo bastante descontraído... *qual é seu time preferido, nenhum. Mas sempre que posso... torço contra o real madri, há então está muito feliz, por que, oras... o real levou uma goleada histórica, é mesmo?, perdeu do barcelona de cinco a zero, não diga? (sentamos nas respectivas cadeiras – paciente x Doutor), sem contar a surra extra campo, sempre sai brigas, você viu os noticiários, não.* Bom! (eu dissera) Como passou a semana? A resposta foi rápida. Trabalhando. Trabalhando... Palavras

coroadas por bocejo. E este bocejo conduziu minha visão ao seu rosto, analisei sua face. Estava com fortes olheiras. Não dormiu bem... pensei. Você é pesquisadora... leciona? Dissera que às vezes cobria a falta de alguns docentes, nada fixo. Aproveitei e inseri o assunto da consulta passada. Quando ministra suas aulas, comenta daquele assunto da descoberta do Brasil, com seus alunos? Novamente sorriu. Esperou o sorriso desvanecer da face. E, seriamente respondeu: somente falava daquele assunto para pessoas confiáveis. Senti-me lisonjeado. A relação com os pacientes sempre é esta. Perguntas e mais perguntas. Depois? Discorrer sobre os assuntos, transmitindo domínio, acompanhados de gestos que culminam na prescrição de uma fulminante receita... Geralmente recheada por drogas. Transmitindo para o farmacêutico o problema do paciente. A segunda consulta também transcorreu apimentada por mais novidades. Estas novas confidências nada alterou o perfil de mulher desejada, que idealizei, construído na primeira consulta permaneceu firme, portanto, continuei radiante. Porém a novidade da consulta, ela às vezes sentia-se um homem... Inacreditável. Transformando em um homem feio, careca e barrigudo. Com o rosto revestido por óculos fundo-de-garrafa. Branco, muito branco. Tal brancura, a pele adquiria uma tonalidade vermelho pimentão. Chegando a ponto de vestir-se a rigor! Talvez fosse aquela loucura, ou melhor, os pensamentos fora do normal a deixava mais atraente?! Assim passaram várias consultas. Em todas elas, novidades. Um dia um homem atraente, em outra uma gatinha... A carga foi tal, que passei a vivenciar as alucinações dela. Quase fiquei maluco. E por fim, ela falou o motivo de sua terapia. Uma mulher a amava, era recíproco (para o meu desapontamento, acordei)... Jane não tinha forças para assumir o namoro. Contagiado pela sensação de perda, daquilo que nunca possui e encorajado pelo dever do ofício e trilhando sobre esta tênue sensação. Sugeri que ela transcrevesse todos os seus sonhos, desejos e o passado. Olhando atentamente para o seu eu... Montando o mosaico de sua própria vida. Depois de muita perseverança e sabedoria, Jane finalmente conseguiu vencer todas as virtuais barreiras (escreveu um conjunto de epistolas, em anexo no prontuário). Hoje, dez anos depois, ela vive com Helena, seu

grande amor. E eu?! Tive a cara de pau, aceitei o convite de testemunha oficial para realização das bodas...